

Janeiro a Março de 1908

---

**BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

---

**Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios**

dada em sessão d'assembleia geral de 6 de junho de 1900

(Continuado do numero antecedente)

---

**Philéa**

Ilha feliz, ilha encantada; que inspiraste lendas das *Mil e Uma Noites*; e que espalhaste o culto de Isis pela Nubia e alto Egypto; e o levaste para a culta Grecia, não é sem emoção que, ainda ha pouco tempo, o viajante acostava ás tuas margens!

Que de transformações porque ella passou desde tempos tão remotos, até hoje, que se pôde dizer desaparece sob o lençol d'agua, represada pelo grande açude d'Assuan!

Em vão ricos argentarios pretendem transportar columnatas, pilones, templos, kioskes, palacios e conventos em ruinas; o encanto fugio, o panorama desfez-se, a arte desapareceu.

Tudo fôra construido em relação áquelle meio; á fórma orográfica d'aquelle terreno; á belleza d'aquella vegetação virente, d'aquelle reflexo nas aguas, e d'aquelles pontos de vista.

A inundação do açude devastou tudo; a civilização utilitaria, rompeo a magia phantastica da lenda! Julgo-me feliz por ter visto a antiga Philéa; a Philéa dos Pharaós, dos Persas, dos Ptolomeos, dos Romanos, dos Bisantinos, dos Mahometanos, dos Mamelucos, dos Turcos e dos Francezes de Bonaparte. É a Philéa descripta em magnificas

gravuras neste volume da commissão franceza de 1798, que vamos seguir d'ora avante para comparar com estas photographias que trouxe, correspondentes ao estado em que se achavam os monumentos por occasião da minha visita.

Quantas mudanças politicas, religiosas, de costumes, de habitantes não tem visto este palmo de terra! (fig. IX).

Era aqui a fronteira tradicional entre a Nubia e o Egypto; e os coptes chamaram-lhe a «*fronteira*».

Ainda se encontram nas rochas syeniticas, inscripções do tempo de Amenophis II (1500 A. C.) dizendo que ali houve um templo egypcio, e algumas das suas pedras se encontram mettidas nas paredes do templo pequeno de Isis, que foi sempre a deusa tutelar da ilha.

A sua divindade foi sempre reconhecida pelos habitantes das margens do Nilo a montante da ilha. Os *Nubios* da direita e os *Blemios* da esquerda vinham buscar alternadamente a imagem da deusa e levavam-a em *cyrio* para as suas terras durante um certo tempo. Sob estas bases fez-se um tratado de paz por Deocleciano para ser valido durante 100 annos. Como já lhes disse Theodora e Justiniano acabaram á força com o culto de Isis.

Alguns authores põe aqui o local do falecimento de Osiris, o bom deus que foi casado com Isis, de quem teve Horus, o bom filho, que vingou a morte de seo pae, perpetrada por seo thio Set

Seja como for, a ilha tem tido a historia mais phantastica que é possivel, sendo nella que figuram os contos 371 a 380 das *Mil e uma Noites*, e muitas outras que os fellahs recitam e que formam um volume em folio de 34 paginas.

Os coptes byzantinos vieram e edificaram ali convento e egreja.

De sorte que a ilha poderia dizer como o nosso grande lyrico Almeida Garret na *D. Branca*:

*Aureos numes d'Ascreo, ficções risonhas*  
*Da culta Grecia amavel, crença linda*  
*De Venus bella, Venus mãe d'Amores*  
*Brincões travessos;—do magano Jove,*  
*Que do septimo ceo atraz das moças*  
*Vem andar a correr por este mundo,*  
*Jã viveo touro, já dourada chuva,*  
*Já quanto mais lhe apraz;—de Bacho alegre,*  
*Do louro Apollo e das formosas nove*

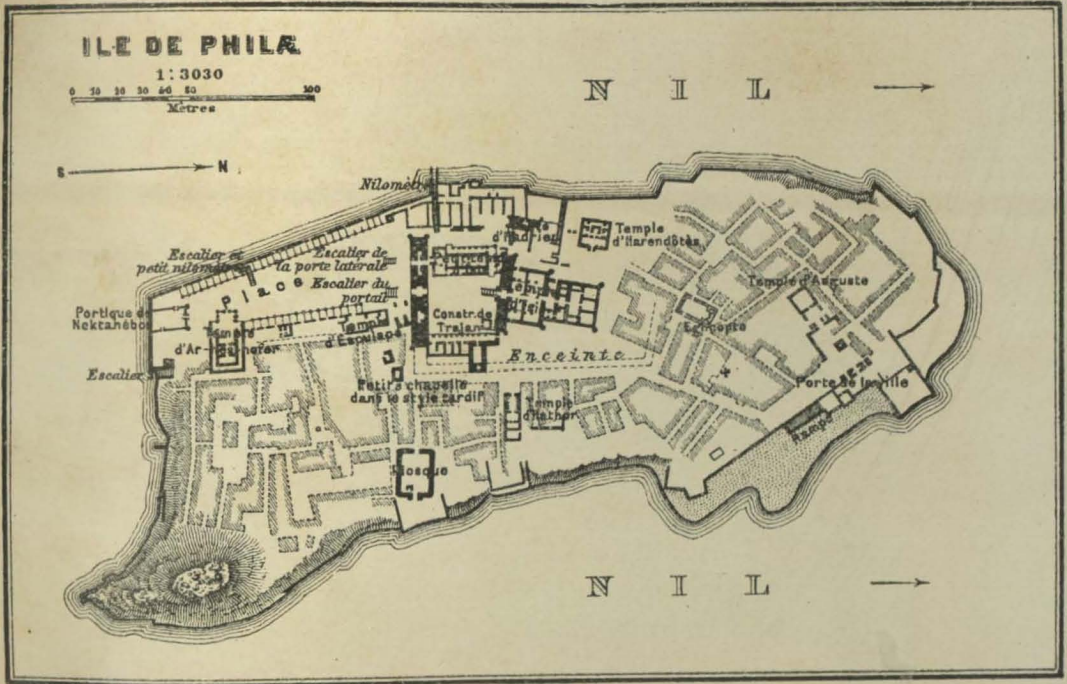


Fig.<sup>a</sup> IX—Planta da ilha de Philéa em Janeiro de 1900  
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.<sup>o</sup> 12—PAG. 290

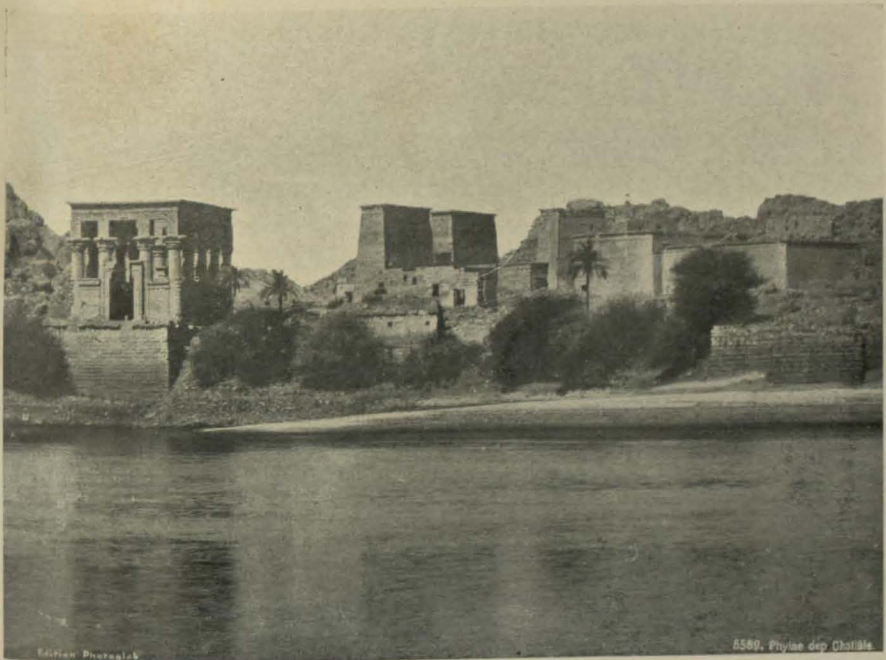


Fig.<sup>a</sup> X—Vista de Philéa do lado de Leste  
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.<sup>o</sup> 12—PAG. 291

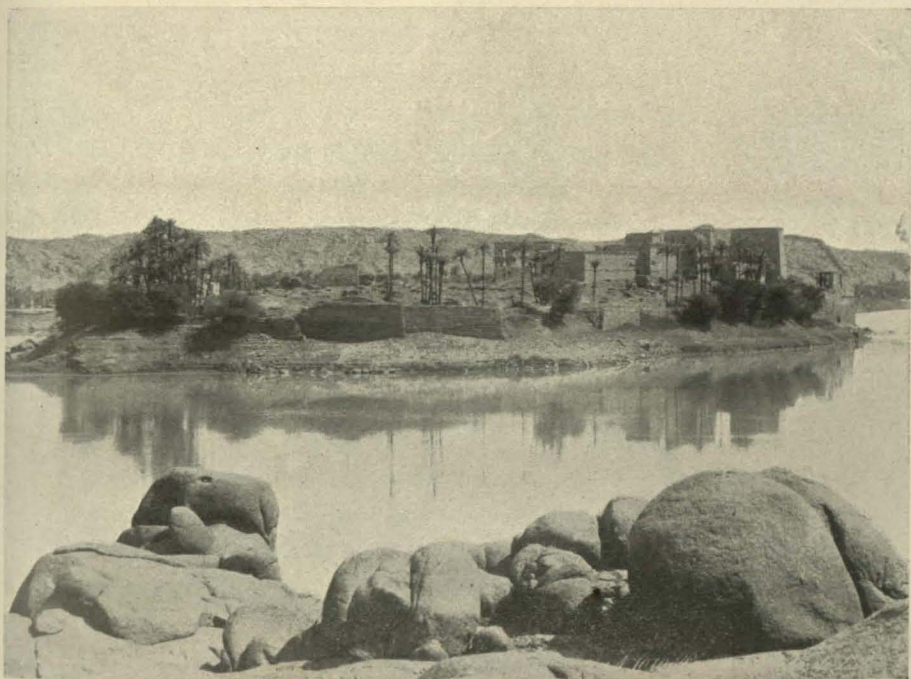


Fig.<sup>a</sup> XI—Vista de Philéa do lado Oeste



Fig.<sup>a</sup> XII—Vista de Philéa do lado Sul

*Castas irmans que nos vergeis do Pindo  
 Tecem aos sons da lyra eternos carmes;  
 Gentil religião, teo culto abjuuro,  
 Tuas aras profanas renuncio;  
 Professei outra fé, sigo outro rito,  
 E para novo altar meos hymnos canto.*

Prefiro citar-lhes este trecho do nosso incomparavel estylista a um dos contos phantasticos em que se mostra o respeito da tradição religiosa pelos gregos, que chegados ao Egypto com os Ptolomeos, reconheceram desde logo a superioridade da *Thriade* dos deoses terrestres do Nilo, correspondentes ao seo Orpheo e Eurydice.

Quando se chega a Chellal quer pelo caminho de ferro de Assuan, quer descendo o rio do lado do Equador, depára-se com a margem oriental da ilha de Philea, que é representada na fig. X, como era em 1900, sobresaindo o Kioske, com a sua elegante columnata, dominado pela esbelta colina, cheia de vegetação equatorial de palmeiras, euphorbias e flôres de lyz, tendo na parte superior as ruínas da fortaleza, destruida por Diocleciano.

Depois de visam-se os muros de caes, o templo da deusa Hathor, a rampa com a porta da cidade e o templo d'Augusto.

Dando volta no barco á ilha vê-se a parte occidental, fig. XI, toda rodeada de caes e muros de protecção, dominando-os as ruínas do templo de Harendotes, a porta de Hadriano, os pilares e paredes dos templos de Isis, o *nilometro*, e a muralha de fundo da columnata oeste da grande praça. Continuando a dar volta á ilha tem-se a vista do lado sul, (fig. XII) com as columnatas d'O. e de Leste, o primeiro pilone, o obelisco, o portico do templo de Nektanébos, por detraz o templo de Ar-hes-nofer, e contra o rio a grande escadaria d'accessão junto á colina. A fig. XIII mostra esta vista depois que o açude funciona.

O desembarque effectua-se junto á porta oriental da cidade e proximo do templo d'Augusto, bastante arruinado e que pouco tem de notavel ao pé dos templos de Isis. Seguindo o caminho passa-se pela igreja copte, e depois entra-se no templo de Hathor, muito arruinado, mas onde desde logo as impressões das columnatas attraem a attenção.

Passando perto d'uma capelinha de estylo mais recente, e pela porta do Ptolomeo, cognominado o Philadelpho, que já tem dimensões gigantescas, admira-se o templo de Esculapio, pela simplicidade ele-

gante, e entra-se na grande praça, irregular, com as columnatas e o grande pylone tendo ao centro o portão monumental de Nektanébos.

A fig. XIV dá remota ideia da impressão que se sente ao deparar com a harmonia da decoração d'um tal recinto tão irregular, e onde havia que attender a não prejudicar as antigas construcções, que se queriam resalvar. Delle fallaremos mais de vagar. Subindo a escadaria depara-se com a grande portada, em verdadeiro estylo egypcio, com hieroglyfos por toda a parte, mas uma grande lapide com letras romanas faz disonancia no meio de tal conjuncto. Sente-se desejos de a mandar arrancar e comtudo é a commemoração das façanhas de *Bonaparte* na sua immortal campanha do Egypto. Entre os generaes de brigada que foram com o devisionsario Desaix encontra-se inscripto Kleber, que bivacou em Philéa.

No grande pateo, em que se entra, passado o primeiro pylone, encontra-se á direita uma columnata lindissima e á esquerda o portico com columnas do pequeno templo de Isis Uosret, tendo entre duas columnas uma *stella* com a celebre inscripção de Rosetta, mas só com os textos hieroglypho e o demotico sem o texto grego; o que fez com que os sabios da commissão de 1798 não chegassem a decifral-a, pois grego muitos sabiam. Demoremo-nos neste pateo, em que as columnas são variadissimas nos capiteis, nas inscripções do fuste, no corte das bases.

Pintores artistas e amadores, homens e senhoras desenhavam e pintavam á profia os recantos que mais lhes agradavam. Parecia uma feira com as suas barracas de pintura, os seos guardas soes de panno verde, azul, vermelho e amarello, e os assentos que saiam d'uma grossa bengalla, outros de *pliants* mais ou menos confortaveis davam comodo a muitos dos desenhadores, servidos por creados de libré, outros por os maridos, irmãos e amigos; era uma faina para colligir recordações d'uma cousa veneranda que d'um momento para o outro ia desaparecer.

O portico do pequeno templo de Isis Uosret é d'uma grande elegancia, com muita variedade de decorações nas columnas, que são todas *lotiformes*.

Para nos entendermos vou fazer o estudo da columna egypcia, ao nosso conhecimento a mais antiga que existe, como já fizemos do entablamento, cornija e cimalha.

Como vimos nos *spéos* da Nubia os supports eram todos pilares quadrados ou rectangulares, que em Abu-Simbel eram imponentes pe-

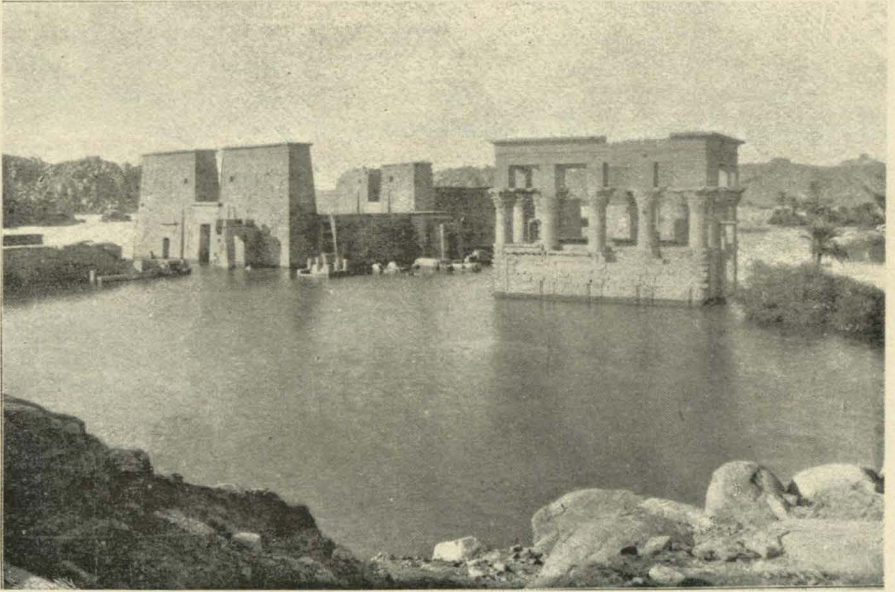
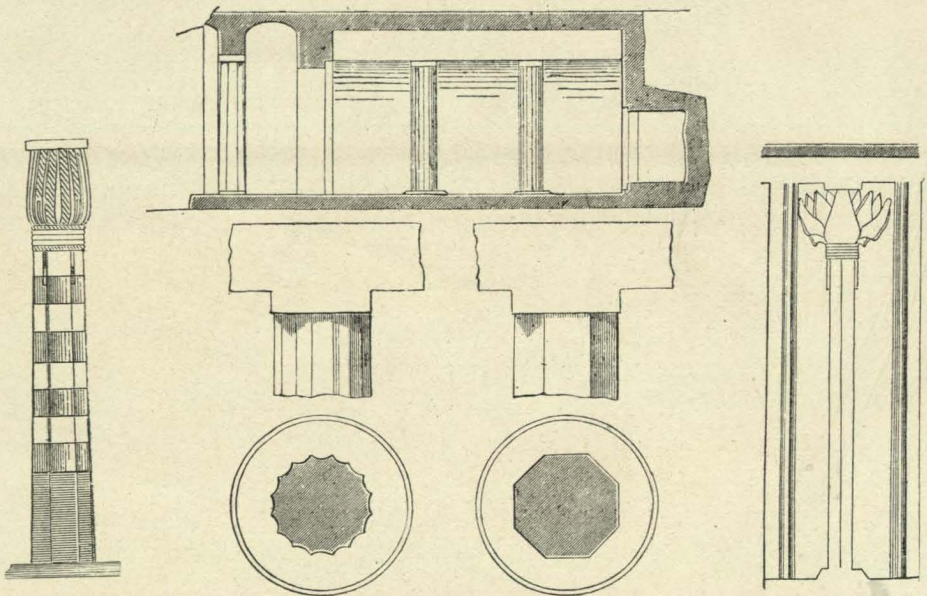


Fig.º XIII — Vista tirada do alto da colina depois de acabado o açude d'Assuan  
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 5 — PAG. 291



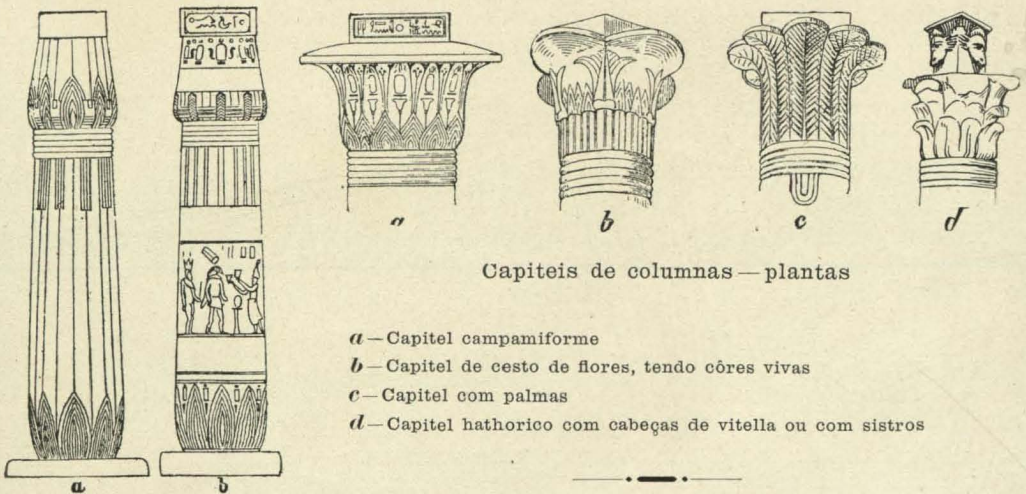
Fig.º XIV — Grande Praça das columnatas  
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 5 — PAG. 292



Columna lotiforme  
capitel de botão

Columns protodoric  
do hypogéo de Bènihassan

Columna lotiforme  
capitel flor aberta



Capiteis de columnas — plantas

- a* — Capitel campamiforme
- b* — Capitel de cesto de flores, tendo côres vivas
- c* — Capitel com palmas
- d* — Capitel hathorico com cabeças de vitella ou com sistros

Columnas papyriformes } *a* — de capitel com botões fechados  
fasciculadas } *b* — de capitel redondo truncado

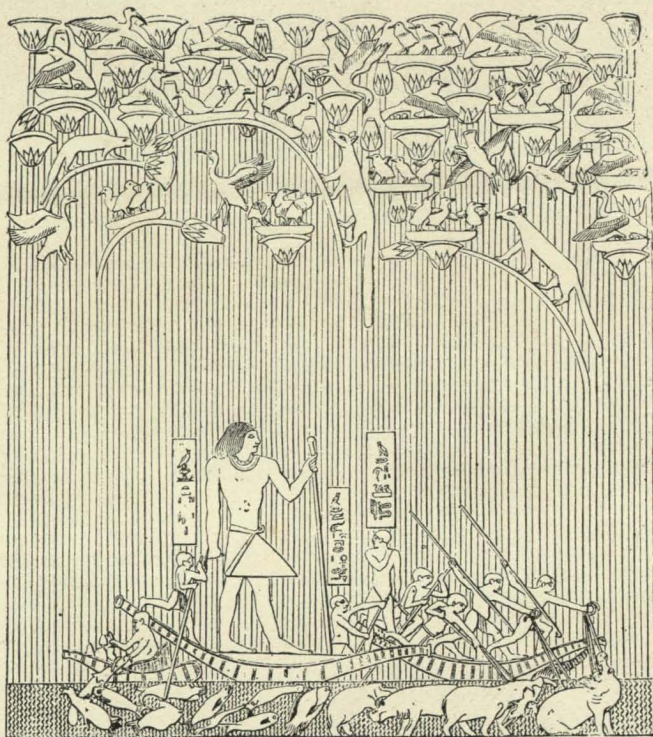


Fig. XVI—O Intendente *Tih* caçando, hypopotamo entre *lotus*



Fig.<sup>a</sup> XVII—Um lago com *Nymphaea lotus* no Japão

las suas dimensões, e davam plena confiança na construcção. Pois foi um spéos ou antes mais propriamente um hypogêo que nos dá a primeira manifestação da transformação da columna no Egypto, e portanto na arte antiga.

Foi durante o imperio antigo (3.000 annos antes de Christo) que se fizeram os hypogeos de Bénihassan. O que tem hoje o numero—2—é o tumulo do nomarca *Ameni*. Como se vê pela fig. xv o vestibulo é suportado por 2 columnas octogonaes; foi um pilar a que se cortaram os quatro cantos. Em seguida veem-se ainda dois pilares rectangulares e depois a salla de tres naves com 4 columnas de dezeseis facetas, finamente canelladas, que se chamam *protodoricas*.

No fundo ha uma especie de sanctuario ou nicho, flanqueado por dois columnelos *lotiformes* com capiteis formados da flôr do *lotus* aberta, (*Nymphaea lotus*).

Estará aqui a transformação do pilar em columna? Parece que sim. E pôde dizer-se que foi seguindo a ordem chronologica dos progressos da arte e do gosto esthetico.

A columna teria a sua patria no Egypto, sob a fórma *protodorica*, donde resultou a ordem dorica de Pestum, verdadeira ordem grega.

Mas não se vê bem o motivo para o emprego nos capiteis da fórma das flores sagradas do *lotus* e do *papyrus*. Talvez se explique do seguinte modo:

Os templos tinham sempre nas visinhanças um lago a que se chamava o *lago sagrado*; e aquellas plantas que eram notaveis por tantas condições de belleza, que as realçava, deo aos artistas a ideia de imaginarem os seus caules como supportando pesos, visto que as aves sobre ellas repousavam e aninhavam.

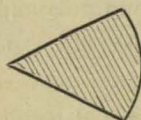
A fig. xvi dá ideia do que assevero, mostrando uma caçada do intendente *Tis*, dos reis das primeiras dinastias, no meio de *lotus* e *papyrus*, sobre que voltejam aves e grimpam lontras, teixugos e outros animaes palustres.

Hoje será difficil encontrar no Egypto onde estas plantas cresçam tão largamente, mas pôde-se fazer ideia da sua pujança pela fig. xvii, (1) que representa um tuffo de *lotus* num jardim japonez. É o paiz onde a cultura destas plantas pôde ser feita á espera da florescencia, que tem epochas distantes de muitas dezenas d'annos.

---

(1) Extrahida do livro de Pierre Loti sobre o Japão.

O *papyrus* tem vida mais rustica e em condições de vivacidade mais commum. No jardim da Escola Polytechnica, na parte mais alta da rua das palmeiras, ha um recanto onde se acha um exemplar de *cyperus papyrus*, que tem regular desenvolvimento e por onde se póde ajuizar do que póde ser nos climas quentes o caule d'esta planta, cuja secção transversal é a d'um triangulo com um lado circular, como se vê em frente.



Corte do  
caule do  
*papyrus*.

Juntar 8, 10 ou mais destes caules, lembrou logo, e atal-os foi a consequencia, donde resultou a columna *papyriforme* que differe essencialmente da *lotiforme* pela curva que lhe diminue a base, e lhe dá uma especie de bojo no oitavo inferior. Combinadas estas fórmias essenciaes com ter o capitel com flores fechadas ou abertas, ou em fórma de campanula, ou composito deram as 5 variedades das columnas egypcias das grandes dynastias, que nos tempos ptolomaicos e romanos se accresceram de capiteis com ramos de palma, açafates de flôres, pampanos de vinha, cachos, emblemas hathoricos, etc.

Os discipulos do excellente Professor de architectura na Escola das Bellas artes de Lisboa, José da Costa Sequeira, difficilmente poderão comprehender que haja outra esthetica para columnas que não seja a do *Vinhola*, e na Escola de Paris se seguem regras muito semelhantes, mas a esthetica dos egypcios não é menos elegante e sem duvida é mais natural.

O galgamento progressivo da columna lotiforme é tão agradavel á vista como o da columna papyriforme, como veremos.

É necessario tambem dizer que a polychromia e depressões das figuras e das inscrições dão ás columnas egypcias um *facies*, que produz sempre a impressão de grandeza para supportarem os pesos, em quanto que os columnellos da architectura arabica e musulmana, que depois passaram á renascença veneziana, parecem sempre delicados e mais um motivo de decoração e ornato que de solidã consistencia.

As architecturas gregas e romanas não pódem dizer-se megalithicas, mas os gregos e os romanos quando construiam no Egypto timbravam em fazer monumentos megalithicos de proporções tão correctas como os antigos possuidores do paiz. Quer dizer a grandiosa arte das aureas eras destes impunha-se aos invazores.

Os templos da ilha de Philéa construidos pela dynastia dos Ptolomeos são os mais cuidados da arte egypcia. Por isso aproveitei a



Fig.<sup>a</sup> XVIII—Columnata do *Pronaos* do grande templo de Philéa  
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.<sup>o</sup> 5—PAG. 295

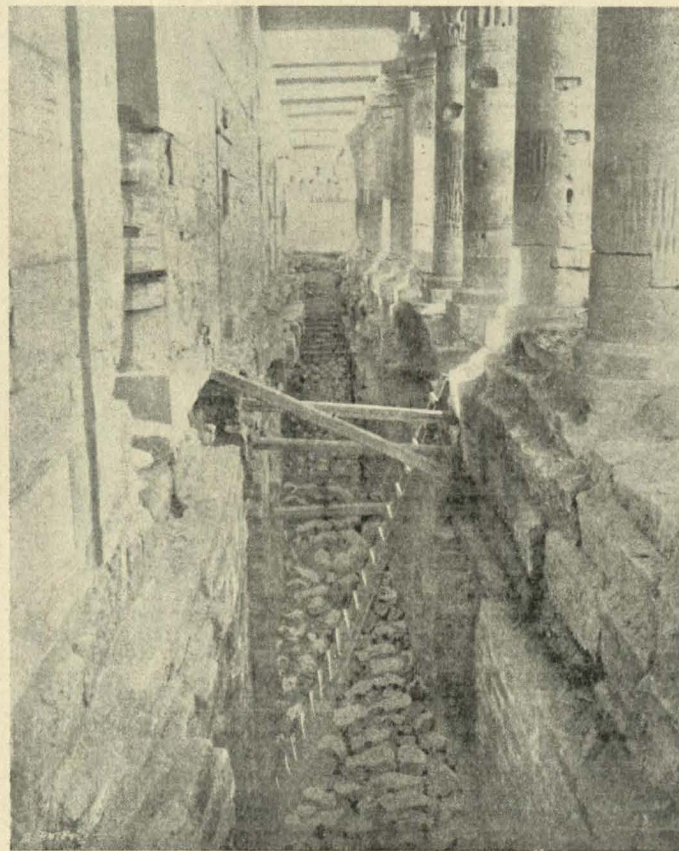


Fig.<sup>a</sup> XIX—Reforço, em execução, da columnata de Oeste da praça  
BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.<sup>o</sup> 5—PAG. 296

ocasião para este estudo sobre as columnas e sua importancia nos porticos, praças e pateos.

Para a decoração não faltavam elementos de coloração variada pela viveza dos matizes das *euphorbias* e da *flôr de lyz* que se encontram no estado bravo sobre as encostas da pequena colina ao sul da ilha, que se diria posta ali de proposito para se gozar um ponto de vista delicioso sobre toda a ilha e arredores.

Pois nas columnas destes edificios encontram-se quasi todas as variedades das chamadas columnas *plantas* e *hathoricas*, que eram empregadas nos templos das deuzas, e sendo este consagrado á grande *Isis* <sup>(1)</sup> bem cabidas eram com os capiteis, todos diversos uns de outros, as mais vivas côres, que ainda se conservavam debaixo do estuque feito pelos coptes com o limo do Nilo, para encobrir os hieroglyphos. Ha até uma inscripção que diz ter sido feita *esta sancta obra pelo bispo Theodoro* (na epoca de Justiniano). De facto muitas pinturas se conservaram deste modo, mas os coptes tambem martellavam baixos relevos, quando lhes pareciam indecentes, e picavam as figuras profundas.

A estampa XIV dá ideia clara destas mutilações, que tambem pôdem ter sido feitas pelos persas, arabes ou turcos, nas invasões successivas que fizeram no Egypto, depois da epoca de Nektanëbos.

A figura XVIII mostra a disposição das columnas num angulo e pôde fazer-se ideia da variedade das côres pelas diferenças de tons da photographia.

Nas reconstrucções das partes dos templos de Philéa, que existem nos volumes I e VI das estampas da commissão de 1798, vê-se que algumas incorrecções e duvidas houve, pois não estavam feitas as excavações e limpezas a que se procedeu em 1895 e 1896 sob as ordens de H. G. Lyons official da engenharia ingleza, *o que escavou Abu-Simbel*, e do architecto e archeologo allemão L. Borchardt, que permittiram melhor localisar as cousas.

Pouco tempo se poderão gozar os visitantes de trabalhos tão dispendiosos, pois em fins de 1902, o grande açude estará concluido e Philéa inundada. <sup>(2)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Plutarcho diz (no tratado d'Isis e d'Osiris) que as almas dos deozes brilham nos céos ao lado dos astros, e que a alma d'Isis se chamava Sothis, nome egypcio do astro Sirius.

<sup>(2)</sup> A figura XIII representa este estado em Janeiro de 1903—extraido do *Scientific American*

O interior do grande templo tem o *portão* muito bem conservado, assim como as partes principaes até á capella *Sanctus Sanctorum*.

Chama principalmente a attenção, no segundo andar, a Capella de *Osiris*, onde se vêem sobre os muros gravadas scenas da sua morte, tendo proximas as figuras de Isis e Nephthys, suas irmãs, e noutros sitios Horus, seu filho, e muitos deuses e personagens que se relacionam com o mytho d'Osiris, lenda antiga, que parece ter sido uma realidade, como veremos mais tarde pela descripção das ultimas descobertas feitas em Abydos.

Aqui encontra-se a magnifica stancia do Zodiaco, sala ampla, tendo no tecto desenhado o celebre emblema ptolomaico, com os signos em amarello sobre um ceo d'um azul verdadeiramente celeste, recamado d'estrellas.

A quantidade de amadores, desenhistas e pintores mostrava claramente o apreço em que era tido este local e como se queria conservar recordação de tão encantadora visita. Muitas lhe fizeram familias inteiras de *touristas* em dias successivos tendo presa a sua *dabieh*, <sup>(1)</sup> junto á margem, servindo-lhe á tarde para navegar entre as ilhas e gozar um pôr de sol phantastico.

Visitados os templos de Isis, sendo o pequeno chamado *Uosret* por ser particularmente consagrado á natividade da deusa e de seu filho Horus, a que se referem as figuras e hieroglyphos gravados nos muros; vista a portada de Hadriano, volta-se á grande praça com as suas columnatas, deruidas antes de acabadas.

A de Oeste foi necessario consolidal-a recentemente como se vê da fig. XIX e a de Leste tem columnas apenas trabalhadas á picolla, sem que fossem escodadas para depois serem ornamentadas.

O portico de Nektanébos é muito elegante e apezar da sua ruina pôde julgar-se do bello effeito, que devia produzir a mirar-se no rio com os seus dois obeliscos, iguaes aos do primeiro pylone, onde *Cham-polion* pôde decifrar o nome de Cleopatra, que os tinha mandado ali collocar.

Muito tempo seria necessario gastar para lhes dar ideia das impressões que se sentem no meio deste vasto scenario, que nos retém.

Tomei pelo caminho da colina e fui dar fundo, quasi ás 2 horas

---

(1) Nome d'um barco á vella que se aluga completamente mobilado para fazer a viagem ao Nilo.



Fig.ª XX — Reforço do Kioske para resistir à inundaçõo do Açude

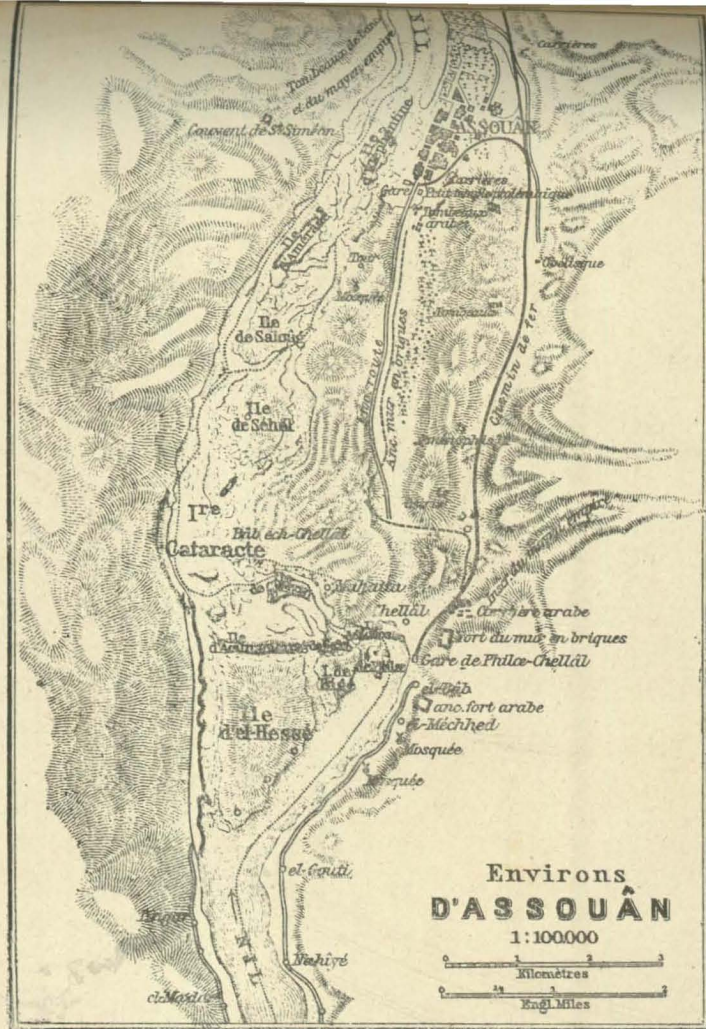


Fig.ª XXI — Planta do Nilo de Philéa a Assuan

da tarde, com o meu guia que apenas me serviu para levar o cestito do lunch, feito de caules dos foliolos das palmas, aqui presente.

O kioske dos Ptolomeus é o *rendez-vous* dos excursionistas desde as 2 ás 4 horas da tarde.

A Kermesse que ha pouco lhes descrevi, tendo logar no grande terreiro do templo de Isis, transporta-se a essa hora para o kioske e é um movimento, um murmurio de vozes, de linguas com timbres diferentes, que ferem os ouvidos e desesperam quem ainda póde dar um pouco d'attenção ás bellezas architectonicas do edificio (fig. xx).

Não pensem que exaggero; sobre as bancadas, e ás mesas de pedras differentes, propositadamente feitas para permittir comer, ouve-se inglez, allemão, sueco, russo, americano, hespanhol, italiano, arabe, egypcio nativo ou copte, e só o portuguez conversava com os seus botões.

Quatro horas da tarde eram passadas metti-me na minha feluca (bote) e fui por entre as ilhas e escolhos do Nilo, costeando terra e a ilha de Chellal até os escriptorios das obras do Açude.

O sol declinava bastante; ao sair de Philéa, pareceu-me ouvir sons no ar, e ao chegar á cataracta imaginei perceber que a ilha, perola do Nilo, repetia: *Ave, Cezar, morituri te salutant*. E com esta obsessão, que foi tambem a do grande artista *Gèrome*, puz pé em terra na ilha mais occidental.

Para se fazer mais completa idéa deste panorama unico que se gosava do ultimo ilhéu a oeste antes da cataracta, vejam esta planta, que está mais exacta que a levantada pela Commissão franceza de 1798, pois é a redução da que serviu para a implantação do grande açude (fig. XXI).

Quando ali estive, o antigo canal navegavel era ainda praticavel, e viam-se os grandes cachões da queda ou cataracta do Nilo. Era ali que os antigos consideravam serem as fontes do grande rio, cujas aguas elles diziam que vinham do céu.

Pois foi tambem por estes sitios que elles acreditavam que se tinham dado as scenas do mytho d'Osiris, que tem como personagens principaes a thriade, a que já nos referimos, e Nephthys e Set, irmãos d'Osiris e de Isis, de quem nasceu Horus segundo uns e segundo outros foi o proprio Osiris que voltou ao mundo, depois de morto por Set e de ter Isis andado por largo espaço de tempo a procural-o por toda a parte, elle appareceu-lhe como uma criança, que ella amamentou e lhe deu o nome de Horus.

Seja como fôr, e deixo a explicação aos que pretendam profundar estes mythos, assim como os de Eleusis e as origens das religiões; o que é certo é que nestas paragens em torno d'Assuan ha templos e tumulos que datam das primeiras dynastias do antigo imperio egypcio. E tantos foram os indícios de que a thriade poderia ser uma lenda de pessoas que existiram, que este anno mesmo se descobriram os seus tumulos em Abydos, donde eram naturaes os primeiros reis. Deste modo não seria *Menés* o primeiro rei egypcio de raça humana, mas antes disso Horus teria até reunido as duas corôas do alto e do baixo paiz, como parece indicar a legenda do templo de Edfu (*Har-sem-teua, Harsemtus*).

E se Menés viveu 3.500 annos antes de Jesus Christo, quantos não seriam necessarios para que a raça humana tivesse chegado a ter arte e produzir obras como os tumulos de Abydos para Osiris, Isis e Horus, existentes em cryptas que mostram uma grande sciencia da construcção! Mas o tumulo de Menés que se encontrou em Nakädé é já uma obra d'arte de grande perfeição onde se leem inscripções em hieroglyphos, que se assemelham, segundo auctoridades competentes, e são a transformação da escriptura cuneiforme dos chaldeus e dos babilonios, a qual é a mais antiga conhecida e se diz datar de eras antes de Christo inferiores a 6.000 annos. Não admira dar aos tumulos 8.000 A. C.

Ao meio da estampa vê-se o local d'um antigo colosso de Osiris, no cimo d'um rochedo, d'onde se gosa uma vista esplendida sobre o deserto e as ilhas do Nilo em torno de Philéa. Do outro lado da margem oeste ou esquerda estão os tumulos de personagens das primeiras dynastias. Eis-nos em Assuan ou Syéne.

D'Assuan a Thebas

Kôm Ombo (Ombos)

Gebel-Silsilé

Edfu

El-Káb e Esné

Na ilha *Elephantina* vê-se um *nilometro* de que Strabão dá uma descripção muito completa, e já os impostos eram cobrados segundo as suas indicações, correspondendo os maiores ás maiores cheias. Por aqui se vê de que longa data fôra construido para se estabelecerem leis de fazenda publica, que entraram no uso geral.

Mas continuemos a nossa visita aos templos mais notaveis.

O primeiro que se encontra digno d'attenção é o de *Kómb Ombo* ou simplesmente *Ombos*, construido n'uma situação admiravel sobre a margem direita e dominando o rio, para o qual communicava por uma escadaria larga, mas que ficava lateral e quasi no prolongamento do pylone principal.

A esplanada onde estavam situados os templos tinha dez hectares de superficie e estava 15 metros acima do nivel das aguas do rio, que corroeu parte da margem, e a isso talvez se deva attribuir a destruição de parte do templo da *Natividade* e o da deusa Hathor, assim como o grande pylone que tinha duas portas.

É a parte curiosa deste templo, o ser gêmeo; quer dizer são dois templos acostados um ao outro de modo que os crentes d'um dos deuses *Sobk* (Sonkhos) crocodilocephalo o podessem venerar livremente, e sem offender os crentes de *Haróiris*, hiéracocephalo. Conjuntamente com o primeiro venerava-se tambem *Hathor* e Khonsu-Hor (pequeno deus lunar) e com o segundo «a boa irmã» T-sent-nofret, (especie de Hathor e provavelmente Nephtys, irmãs de Isis) e o senhor dos dois paizes (P-net-teue, provavelmente outro nome do pequeno Horus). Tambem veneravam Isis, léontocephalo, e o Thut, ibiocephalo.

É sempre o mysterio da thriade, que os gregos tornaram tão geral e por todos os modos fizeram entrar na poesia popular, o motivo do culto desde Philéa a Esné durante os tempos ptolomaicos, em quanto que nos antigos tempos das dynastias egypcias eram Osiris, Rá, Amon, Khonsu, etc., os grandes deuses da mythologia.

Em 1893 De Morgam procedeu aos trabalhos d'excavação dos escombros e de consolidação da margem do rio por meio d'um muro de caes, e reparação da escadaria junto ao pylone de Dionysos.

O pylone do templo tinha duas portas, como se vê da planta (fig. XXII), e successivamente eram duplos os portaes nas divisorias parallelas ao pylone, sendo tambem duas as capellas *Sanctus Sanctorum*, circumstancia devéras notavel.

Dos sanctuarios antigos, do tempo do reinado commum de Thutmósis III e sua Irmã Makèré, pouco existe.

O Nilo passa no meio das areias do deserto, formando ilhas, especie de oasis, e a paysagem vae-se estreitando successivamente tendo ao fundo uma montanha com apparencia pardacenta do lado do deserto arabico e amarellada do lado da Lybia.

*Gebel-silsilé* (montanha da corrente ou da cadeia) é o nome do

desfiladeiro ou das portas (como as do Rodão no Tejo), que fazem lembrar um pouco Abu-simbel, por ser calcareo silicioso o terreno que fórma a serraia.

Nas portas de Gebel-silsilé existiram rapidós ou cachões semelhantes aos d'Assuan e por muito tempo os egypcios das dynastias de Memphis e de Thebas suppuzeram que ali eram as nascentes do Nilo; mas quando a Thebaida se tornou um paiz muito rico e appetecivel, os Nubios vieram rio abaixo em barcos, que deixaram acima do Gebel e fizeram incursão no paiz.

Então os egypcios puzeram na parte mais estreita uma corrente esticada, que impedia que os barcos descessem, e obrigava os nubios a contornarem as margens, onde os egypcios se defendiam e os batiam facilmente.

Nestas montanhas de grés existiram as maiores pedreiras, donde se extrairam os materiaes para todos os grandes edificios da Thebaida, e onde existem inscripções preciosas, como nas pedreiras d'Assuan, que referem factos notaveis e dão conta da importancia das pedreiras, dizendo que só o empreiteiro das obras do Ramessem tinha ali 3.000 homens, dos quaes 500 canteiros.

Entre nós as obras de Mafra pódem dar idéa deste labutar nas pedreiras de Pero Pinheiro.

Os reis da XVIII dynastia já tinham muitas vezes vencido os nubios nestas paragens, mas Haremhab, ultimo rei dessa dynastia foi quem os perseguiu até além de Philéa, e para commemorar esse feito mandou fazer o templo spéos da margem esquerda. Olha tambem para Leste, e, se não tem a imponencia grandiosa de Abu-Simbel, tem contudo uma importancia historica muito grande, pelas inscripções e baixos relevos que os esculptores das pedreiras ali gravaram.

Em todas as partes marcadas na planta com letras e numeros (fig. XXIII) ha textos gravados muito curiosos e na sala ou capella do fundo existiam 7 deuses tendo Amon ao centro, mas hoje muito mutilados, sendo provavelmente os deuses de Heliopolis, Memphis e Thebas. Já aqui apparecem inscripções de Ramsés II. Ao Sul deste monumento estão muitos outros, chamados *meridionaes*, tambem d'um grande valor artistico, e muito pittorescos. Ao centro ha dois nichos contiguos grandes e profundos de 2 metros. A porta ou entrada é formada por duas columnas fasciculadas loziformes, com uma architrave supportando um *ureus* <sup>(1)</sup> e uma gola invertida muito vasada.—

---

(1) Serpente real com diademas e disco solar.

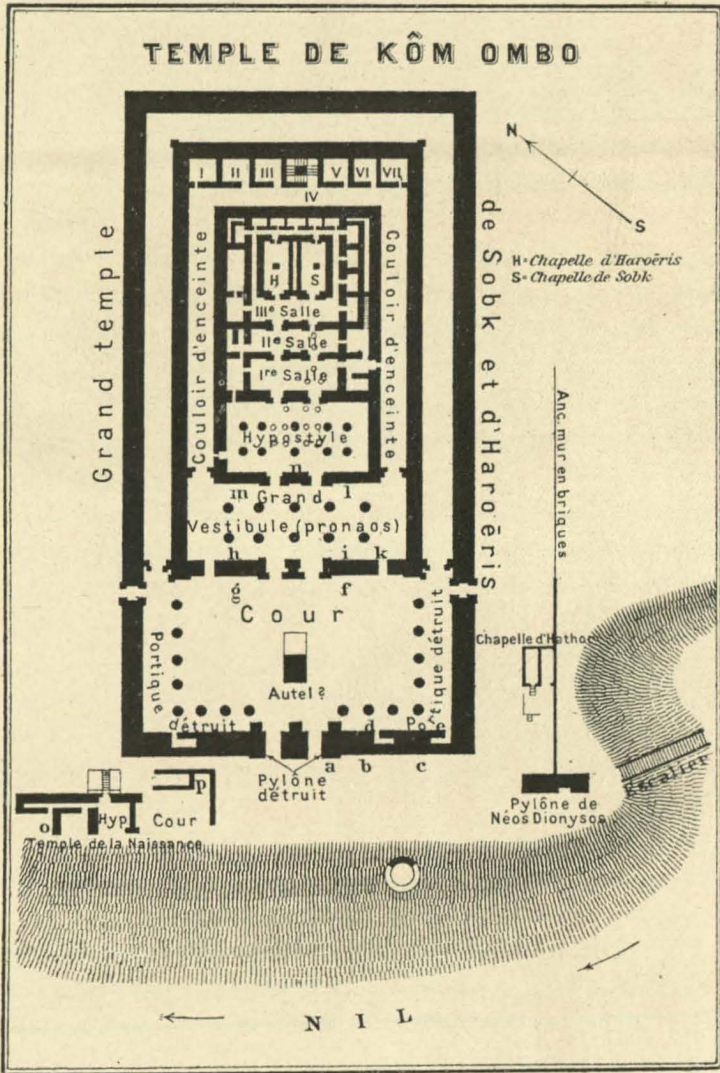


Fig.<sup>a</sup> XXII—Planta do templo de Ombos

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 12—PAG. 299

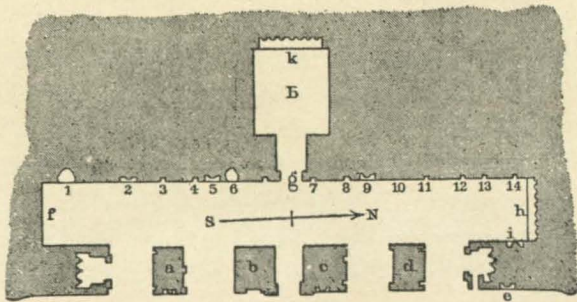


Fig.<sup>a</sup> XXIII—Planta do Spéos de Gebel—Silsilé

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 12—PAG. 300

Um dos nichos foi construido pelo grande Ramsés II e o outro por seu filho Merneptah que foi tambem um rei distincto.

Em torno ha muitas stellas e inscripções destes dois e de Sethos I e de Ramsés III.

Nas grandes pedreiras ainda se vêem inscripções d'Aménophis III e *demoticas* do tempo dos romanos. Ha uma *sphinge*, que não está acabada, junto ao rio; ha dois pilares do templo de Sethos I e ainda uma inscripção que diz ter o rei Aménophis IV mandado extrair ali um obelisco para o templo do Sol em Karnak. De sorte que, se os monumentos thebaicos não existissem, as pedreiras bastariam para dar idéa da actividade e da arte dos architectos.

Entrados na região dependente directamente de Thebas, os monumentos tomam proporções muito maiores que as d'aquelles, que temos estudado até agora, e em geral acham-se num estado de conservação mais cuidada.

### Edfu

É o templo que mais resistiu ás degradações do tempo e ao desmoronamento, produzido pelas invasões, por não ser situado em ponto estrategico.

Em 1860 foi desaterrado e limpo completamente por Mariette, por ordem de Ismail-Pachá, que já se preparava para receber os estrangeiros, quando se abrisse o Canal de Suez.

Foi necessario demolir muitas casas que encostavam ao muro de vedação, e outras sobre o proprio terraço superior.

Em Edfu é que, segundo o mytho de Osiris, teve logar o combate de Horus com Set que terminou com a derrota deste e sua morte.

Horus, deus do Sol, mas do Sol diurno, enquanto que Osiris é deus do Sol nocturno, venera-se em Edfu por excellencia e na capella *Sanctus Sanctorum* não ha representado outro deus.—

O templo d'Edfu tem hoje mais de 2.000 annos, pois foi começado em 237 antes de J.-C., e póde considerar-se o edificio antigo mais bem conservado no mundo: infelizmente os rostos dos deuses e do rei foram martellados em alguns sitios pelos coptes christãos, que aproveitaram algumas partes do templo para egreja ou capellas.

Não obstante, por estas lindas gravuras da Commissão franceza e pelas photographias, que trouxe, poderão ver quanto é grandioso o aspecto e que impressão profunda deve produzir.

Dos Guias tirei a planta (fig. XXIV) que dá perfeita idéa da distribuição do edificio.—

A fig. XXV, photographia da vista do interior do atrio para o exterior, mostra perfeitamente o pylone com a sua grande portada, e no fundo uma especie d'ediculo, que é o templo da natividade. Em torno do pateo, que pôde chamar-se praça, ha o grande portico com 32 columnas, mais ou menos variadas, mas bastante massiças e menos elegantes que as das columnatas de Philéa; além disso os abacos que representam os topos das traves da architrave não estão bem ao meio dos capiteis. Devo dizer que no conjuncto estes pequenos defeitos desaparecem e a impressão geral é excellente.

A fig. XXVI mostra a fachada propriamente dita do templo com o muro d'intercolumnio e a vista interior do templo até á porta do *Sanctus Sanctorum*.

Esta photographia é deveras artistica, pois vê-se claramente a linha de sombra com o reflexo brilhante da luz do sol das 3 horas, dando o claro-escuro.

O grupo de fellahs serve para se avaliar do tamanho e á direita veem-se as cadeiras e *pliants* que acabavam de ser abandonados por um grupo de visitantes que na fig. XXVII se veem entrar para a ultima sala.

Esta estampa é interessantissima a muitos respeitoes, mas sobretudo pela decoração faustuosa da portada.

O architecto quiz dar-lhe grande importancia pela especie d'entablamento que a corôa, e os esculptores fizeram della uma pagina de alta philosophia.

Primeiro que tudo o emblema de Horus (o sol alado com os dois *uræus*) é d'uma grande magnificencia de execução e de colorido; mas sobre a verga privativa da porta está um baixo relevo, digno da maxima attenção.

O disco solar com o escarabelho de azas abertas apparece no horizonte proximo de uma barca (náos) conduzida por dois Horus hiéarcocephalos, um á prôa e outro á pôpa.

Ao lado do disco solar estão á direita Neith e á esquerda Thut e outros deuses.

Proximo estão os *quatro sentidos*; á direita a vista e o ouvir, e á esquerda o gosto (symbolisado pela lingua) e a intelligencia; diante desta está Ptolomeu Philipator.

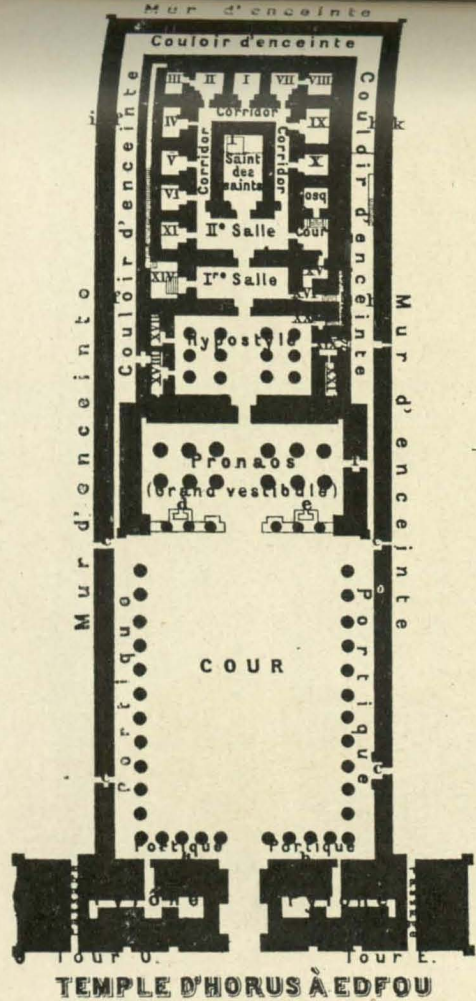


Fig.<sup>a</sup> XXIV—Planta do templo d'Edfu



Fig.<sup>a</sup> XXV—Vista do pylone pela parte interna



Fig.<sup>a</sup> XXVI—Vista da entrada do templo d'Edfu



Fig.<sup>a</sup> XXVII—Vista da portada interna da sala hypostillo

A ligação da intelligencia com os tres sentidos corporaes é uma demonstração de que os gregos já tinham idéas bem claras sobre a Arte; que para mim representa a faculdade de deliciar os sentidos.—

Para ter bem presente a nitidez dos desenhos que estão gravados neste templo, trouxe esta photographia (fig. XXVIII) que representa as deusas do Alto e do Baixo Egypto a coroarem Ptolomeu.

As reproducções sobre papel em pasta (*papier maché*), que possuímos no nosso museu, dão idéa dos contornos, mas já estão muito deterioradas para se ajuizar do relevo. O seu exame juntamente com o nosso illustre fundador e antigo presidente Possidonio da Silva, por occasião de fazer parte d'uma commissão nomeada para ajuizar das condições d'estabilidade desta abside, posso asseverar-lh'o, concorreu muito para que eu fizesse a viagem ao Egypto, de que estou a dar-lhes conta parcial e rapida. Meus senhores, só Edfu daria materia para os entreter muitas horas, se não tivesse um vislumbre de consciencia para não abusar da sua attenção. Tanto os muros do templo, como os de vedação estão cobertos de hieroglyphos em 4 grandes *registos* ou fachas horisontaes sobrepostas, e notem que as humberiras das portadas têm 6 registos e as columnas muitas vezes 10 fachas. Não sei mesmo se tudo está completamente lido.

Quando se anda entre os dois muros, no que se chama corredor de resguardo ou de contorno, encontra-se no lado leste uma escada que vae ter por um subterraneo a um nilometro, existente a leste e que communicava por uma galeria com o Nilo, onde se veem ainda inscripções demoticas sobre a altura das cheias, como em Elephantina e junto ao templo de Ombos.

Parece que era nestes templos que se arrecadavam os impostos, correspondentes ás indicações dos nilometros.

Na face Norte dos muros de vedação existem 6 relevos gigantes representando Ptolomeu XI diante dos deuses d'Edfu. No muro de Leste ha longas inscripções contendo os titulos de doação dos terrenos e a descripção exacta de toda a planta do templo; e no muro de Oeste dá-se a historia da construcção do templo.

Estes pylones, fachadas, columnatas e muralhas são uma grande bibliotheca!

Este monumento é hoje conservado com todo o cuidado e tem uma guarda permanente de bastantes homens para evitar as depradações.

Descendo o Nilo, o barco encosta novamente á margem direita (E.), onde passa o caminho de ferro, e encontra-se *El-Káb*, ponto importante antigamente, por ser fortificado e convergiem ali algumas estradas do deserto.

Pódem visitar-se as ruínas da antiga cidade Nekhab, que teve príncipes, antigos governadores da Ethiopia, e uma deusa, especial a Nekhbet, deusa protectora dos partos, a que os gregos identificaram com Hithyia e os romanos com Lucina.

Saindo os muros da circumvallação da cidade, encontram-se muitas inscripções na rocha, aqui tambem de grés, onde houve pedreiras. Vê-se depois um templo de Amenophis III com columnas papyrifor-mes, dedicado a Nekhbet, «a dominadora de Ré-Yant,» o que quer dizer da entrada do valle do deserto.

Os monogrammas, e representações dos deuses foram martellados por Amenophis IV, filho do precedente, mas que tinha abjurado a antiga religião egypcia para abraçar a do Sol, ou a dos povos orientaes da Assyria, Babylonia e Persia.

Quando Sethos I chegou a reinar, restabeleceu a velha religião e mandou reparar as figuras que tinham sido destruidas.

Citei mais este exemplo para se ver o que fazem as guerras das religiões; são as mais devastadoras.

Neste templosinho ha uma curiosa inscripção, que sem duvida é a mais moderna e ultima que se gravou em hieroglyphos:

*Anno 13 sob Sua Magestade Napoleão III, imperador do mundo.*

Parece corresponder a 1865 e julgo que fosse esta inscripção feita por algum francez, empregado dos monumentos nacionaes egypcios, para celebrar a campanha d'Italia.

Não longe está um *hemispéos* dos tempos dos ultimos Ptolomeus, e uns *hypogeus* que tinham muitos poços com *mumias*, de que fallaremos. Voltando á margem esquerda do rio chega-se a

### Esné

O templo é um dos mais modernos construidos no Egypto pelos gregos e romanos.

Nas inscripções figuram os nomes dos imperadores: Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Hadriano, Antonino o piedoso, Marco Aurelio, Commodo, Septimo Severo, Caracalla, Géta, Julio Phi-



Fig.<sup>a</sup> XXVIII—Coroação do Ptolomeo pelas deusas do Alto e do baixo Egypto

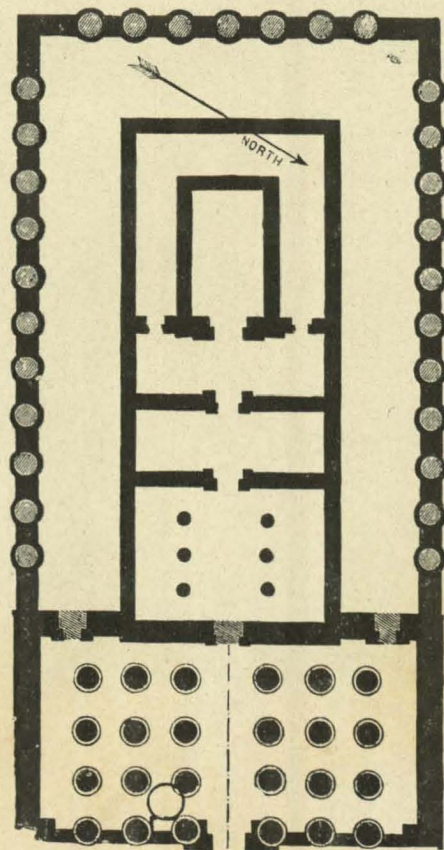


Fig.<sup>a</sup> XXIX—Planta do templo d'Esne reconstituída por Grand-bey

lippe e Décio que é o ultimo imperador, cujo nome se encontra em hieroglyphos.

Este templo é em grande o da natividade de Philéa. A fig. XXIX dá idéa da distribuição do templo e mostra a importancia que se deu ao grande vestibulo que corresponde ao pronáos do templo de Dendara, e cujo tecto é supportado por 24 grossas columnas com ricos capiteis de flores e cobertas de inscripções e relevos.

As 6 columnas da fachada têm muros d'entre-columnio e deixam passar uma boa claridade até ao fundo da sala que tem  $16^m,50 \times 33^m$ . As columnas teem  $5^m,40$  de circumferencia e  $11^m,30$  de altura.

O templo não se acha todo desentulhado, mas o vestibulo, que já está limpo, produz uma bella impressão.

Uma escadaria conduz ao interior do vestibulo, cujos muros estão carregados de representações em 4 registros. O fundo é constituido por um muro que se assemelha a um pylone, que, pelas inscripções, parece ter sido levantado por Ptolomeu VII, o Philométr. Uma das inscripções mais notaveis do muro Norte é a que representa Horus hiéracocephalo, o imperador Commodo e Khonsu a fechar uma rede, cheia de aves aquaticas e peixes; á esquerda está Thut-ibiocephalo, á direita a deusa Sefkhet. Ao que parece, o grande vestibulo foi acrescentado ao templo grego que tinha o pylone e logo depois a sala hypostilo.

A fachada do templo como hoje existe, voltada para leste, tem uma architrave corrida encimada por uma gola profundamente vasada, onde se lêem os nomes de Claudio e Vespasiano. Ao centro o disco solar e aos lados dedicatorias dos dois imperadores, sendo nellas Vespasiano tratado como senhor de «Roma, residencia do mundo».

Já se vê que os bajuladores dos imperadores se servem das mesmas expressões a 20 seculos de distancia.

*(Continúa)*

J. V. MENDES GUERREIRO.



## Academia das Bellas Artes de Lisboa

Pontos do concurso que teve logar em Dezembro de 1907.

Na Academia das Bellas Artes de Lisboa realisou-se em dezembro passado o concurso da 13.<sup>a</sup> cadeira. Cada um dos 30 pontos para este concurso tem duas partes: uma geral, outra applicada a assumptos d'arte, de historia artistica, de archeologia de Portugal.

Da primeira parte se encarregou o sr. dr. João Barreira, conhecido escriptor e professor; da segunda o sr. Joaquim de Vasconcellos, academico de merito, escriptor, mestre em historia da arte, conhecido e respeitado de todos que se interessam pelos assumptos artisticos em Portugal.

### N.º 1

1.<sup>a</sup> parte—Ha uma linha nitida de separação entre os ultimos monumentos da arte pagã e os inicios da arte christã? A pintura antiga influenciou na decoraçào mural das catacumbas? Trouxe a arte christã elementos novos á indumentaria artistica?

2.<sup>a</sup> parte—Ha exemplares de templos no Reino que possam servir para apreciarmos o que foi o templo christão anterior á era mil P.C.? Os templos das provincias limitrophes da vizinha Hespanha, Galliza, Leão, Asturias, devem ser estudados como se fossem nossos, desde que a separação dos dois Reinos se fez sómente no seculo XII?

### N.º 2

1.<sup>a</sup> parte—Que filiação architectonica tem a basilica latina? é organicamente identica á basilica romana? Trouxe o novo culto modificações aos membros architectonicos, á decoraçào, no caso de se acceitar a filiação classica?

2.<sup>a</sup> parte—Quaes são os caracteres da architectura romanica em

Portugal?—Determinar as feições características dos grandes exemplares no Reino e dos pequenos modelos provinciaes; a differenciação existe ou não?

### N.º 3

1.<sup>a</sup> parte—Importancia das tentativas realisadas em nosso tempo para a renovação do estylo; na architectura e no mobiliario. Ter-se-ha creado modernamente um estylo differente dos estylos historicos?

2.<sup>a</sup> parte—A arte arabe trouxe elementos constructivos novos que não eram conhecidos na peninsula: não foi uma arte essencialmente decorativa, como dizem.

Demonstração indicando os monumentos para ambas as affirmações com precisão.

### N.º 4

1.<sup>a</sup> parte—Quando começa a architectura romanica? Ha elementos desse typo constructivo antes do anno mil? Quando se chamou romanica? Ha motivos para se denominarem romano-bysantinos os edificios de transição, ou houve outros povos que cederam elementos decorativos aos novos typos? Que influencia teve a arte gauleza e a gallo-romana na ornamentação romanica?

2.<sup>a</sup> parte—A arte arabe peninsular e a arte mourisca; estylos mo-arabe e *mudéjar* são variantes que é forçoso conhecer bem na historia da peninsula. Ha conveniencia em aceitar a classificação hespanhiola ou em amplificar-a na sua applicação a Portugal?

### N.º 5

1.<sup>a</sup> parte—Na architectura romanica ha os elementos essenciaes da arte gothica? Deve no caso affirmativo esta considerar-se como producto de evolução da architectura medieval, ou como uma arte essencialmente creada na ilha de França?

2.<sup>a</sup> parte—Encontrando o artifice arabe, alvanel, carpinteiro, estucador, oleiro. etc. materiaes novos de construcção na peninsula, como se servia delles para as suas obras religiosas e profanas? Depois da reconquista continuou a tradição desse saber technico? até quando?

## N.º 6

1.ª parte—Que importancia teem as ordens monasticas no desenvolvimento da architectura medieval? A que periodo d'arte correspondem e como provocaram a expansão das fórmas architectonicas? Quaes os elementos artisticos que mais se desenvolveram no seio das abbasdias?

2.ª parte—Ha ou não meio de verificar a existencia em Portugal (e na peninsula) na arte anterior á separação no seculo XII, de um ensino religioso? Quando appareceu o ensino laico? Consequencias dessa separação.

## N.º 7

1.ª parte—A eclosão da architectura gothica proveiu de factores simplesmente constructivos ou houve elementos sociaes, religiosos e politicos que auxiliaram o movimento?

Qual a influencia das associações?

2.ª parte—Indicar nos exemplares da arte portugueza os typos architectonicos que marcam com evidencia a transição romano-gothica. Signaes caracteristicos que a denunciam.

## N.º 8

1.ª parte—Conservando-se a tradição classica na esculptura tumular christã, como se infiltrou nesta o elemento hieratico bysantino? Como se estabeleceu a passagem para a esculptura realista do seculo XII? Deve conservar-se a classificação franceza para a esculptura gothica? A polychromia esculptural é tradicional ou criação da idade media? Teve alguma influencia na plastica modificadora?

2.ª parte—Obras principaes da arte da illuminura em Portugal. As influencias que nellas se revelam são varias, como o são no caso dos esmaltes? Haverá relação entre o esmalte applicado (puramente decorativo) e a illuminura? Onde se encontram os principaes vestigios da arte do esmalte na peninsula?

## N.º 9

1.ª parte—Que influencia teve o movimento communal na archi-

tectura civil na idade media? Que elementos trouxeram as luctas civis na Italia á fórma dos edificios publicos, e quaes os monumentos onde apparecem esses elementos?

2.<sup>a</sup> parte—Como influiram os theologos portuguezes no seculo XIV e os humanistas do seculo XV sobre a arte nacional? A erudição archeologica prejudicou ou favoreceu entre nós a comprehensão das novas fórmas da Renascença? Indicar as figuras mais salientes e caracterisar a erudição artistica nos centros da cultura portugueza durante os reinados de D. Affonso V, D. João II, e D. Manuel até D. Sebastião.

#### N.º 10

1.<sup>a</sup> parte—A côrte faustosa dos Duques de Borgonha entra como elemento determinante no caracter sumptuoso da pintura flamenga? Como se explica a apparição dos Van-Eyck? Que influencia teve a arte flamenga do seculo XV na Europa?

2.<sup>a</sup> parte—Pintura portugueza em taboa nos seculos XV e XVI desde a viagem de Jehan-Van-Eyck a Portugal. Haverá pintura anterior? foi de altar ou mural; ou cultivámos simultaneamente ambos os generos? Historia dessa pintura baseada nos elementos existentes no Reino e em especial no Museu Nacional de Bellas Artes.

#### N.º 11

1.<sup>a</sup> parte—Que parentesco se póde estabelecer entre o symbolismo de Giotto e de Raphael? A pintura giottesca e o seu symbolismo mystico preparam ou contradizem as tendencias da pintura italiana para o seu apogeu no seculo XVI?

2.<sup>a</sup> parte—Houve collecções d'arte no seculo XVI em Portugal? e anteriormente? Determinar a sua influencia sobre a arte, os artistas e os eruditos. Com que intuitos se teriam organizado estas collecções? Relações commerciaes e artisticas das feitorias portuguezas no estrangeiro.

#### N.º 12

1.<sup>a</sup> parte—Nicolau de Tiza iniciador da renascença no seculo XIII. Foi então pela esculptura que começou esse grande movimento?

Seguiram as outras artes o despertar do genero antigo? Causas que determinaram o individualismo das escolas italianas. A arte florentina e a reacção de Donatello. A escola romana e o genio de Miguel Angelo.

2.<sup>a</sup> parte — A fauna e flora local revelam-se nos monumentos romanicos e gothicos nacionaes? De onde vieram os symbolos, a *emblematica*? A figura humana é hieratica ou individual, estylisada ou naturalista?

#### N.º 13

1.<sup>a</sup> parte — Houve factores hellenicos na renascença ou o regresso á antiguidade classica inspirou-se apenas na arte romana? Se a Grecia influenciou na Renascença, por que modo e em que periodo correspondente da sua arte.

2.<sup>a</sup> parte — Francisco de Hollanda e os seus tratados sobre a arte dentro e fóra do Reino, exprimem uma situação veridica, apesar de contradicções evidentes e de passagens difficeis de conciliar. Recorrer aos tratados hespanhoes do seculo XVI.

#### N.º 14

1.<sup>a</sup> parte — Como e quando se manifesta a influencia de Bysancio na eclosão da Renascença? O individualismo que caracteriza a idade moderna, teve influencia nas artes plasticas? Determinação dos elementos sociaes, religiosos e politicos que favoreceram o movimento humanista e esthetic.

2.<sup>a</sup> parte — Os *Lusiadas* de Camões são fonte de inspiração artistica no seculo XVI? A poesia lyrica do grande poeta divulgada em copias nos círculos da Córte e pela mão dos amigos, como acontecera á anterior de Sá de Miranda apoz o seu regresso da Italia, devia favorecer innumerous motivos de inspiração, porque suppõe um scenario deslumbrante: os serões da córte portugueza.

#### N.º 15

1.<sup>a</sup> parte — Que relação há entre o caracter das pinturas flamenga e hollandeza e o meio geographico em que se crearam e desenvolveram? A cõr é n'ellas um elemento local ou exotico?

2.<sup>a</sup> parte—Porque não existe pintura importante no seculo XVII em Portugal, florescia ella aliás em Hespanha?

## N.º 16

1.<sup>a</sup> parte—A arte de Vinci pode considerar-se como representativa da Renascença italiana? Trouxe novos elementos expressivos ou continuou a tradição dos quatro centistas?

2.<sup>a</sup> parte—Gravura em madeira e em cobre em Portugal. Monumentos da xylographia no seculo XV; influencia da typographia illustrada e das collecções de estampas.

## N.º 17

1.<sup>a</sup> parte—Quaes as causas que na idade media mantem as tres artes em concordancia intima e factos que determinam a sua individualisação na renascença? Em todo o movimento se manifestou essa separação? Quaes os seus resultados na creação de novas expressões estheticas?

2.<sup>a</sup> parte—Esculptura em Portugal na idade media: lavor em pedra ligado ou desligado dos monumentos; determinar a importancia dos cruzeiros e memoriaes. A série iconographica dos monumentos funebres, campas, sarcophagos, etc., até aos grandes ediculos contém elementos preciosos para o estudo da civilisação nacional.

## N.º 18

1.<sup>a</sup> parte—Quando começa na Italia a decoraçào ceramica? Obedece esta aos principios constructivos ou é simples revestimento polychromo? Qual foi o papel dos Della-Robbia?

2.<sup>a</sup> parte—O que é *sgraffito*? O que é embrechado? É certo que foi largamente applicada em Portugal esta decoraçào; caracterisal-a.

Por que foi abandonado inteiramente o *sgraffito* no norte e no centro e em grande parte no sul do Reino? O que é arabesco *mauresque* e *grotesco*?

## N.º 19

1.<sup>a</sup> parte—Como se perdeu na Flandres o caracter regional da

sua pintura? Determinar a influencia dos romanistas e a criação de Breughel, o velho. O nacionalista Van-Noort e o italianisante Van-Veen influenciaram na maneira do grande pintor Rubens?

2.<sup>a</sup> parte—Os livros illustrados nos seculos XVII e XVIII. Gravura flamenga; gravadores flamengos, inglezes, hespanhoes e portuguezes. Gravura franceza protegida por D. João v. As estampas devotas: sua relação com os quadros de devoção no azulejo nacional.

#### N.º 20

1.<sup>a</sup> parte—A pintura hollandeza é o retrato da Hollanda; causas sociaes, religiosas e politicas que deram tal character á pintura hollandeza. Individualidade do Rembrandt e seu divorcio das tendencias geraes da Escola. Ha, com effeito, uma escola hollandeza?

2.<sup>a</sup> parte—Esculptura de madeira, de barro, de pedra. A imaginaria devota: as figuras de roca e estofadas. A arte intima; os presepios são, como as *Lóas* e os *Villancicos*, uma synthese da arte popular. A alma portugueza, confundindo adoravelmente o sagrado com o profano, renova-se em cada uma das festas do agiologio nacional.

#### N.º 21

1.<sup>a</sup> parte—Que relações ha entre a pintura veneziana e a pintura flamenga? Influencia de Antonello de Messina. O elemento geographico, as proximidades e relações com o oriente, a vida social e faustosa de Veneza são determinantes da expressão da sua arte? Donde provém o hybridismo architectonico da cidade do Adriatico?

2.<sup>a</sup> parte—Apreciar os elementos da arte arabe constructivos nas tres regiões: norte, centro e sul do Reino; indicar se os ha, onde abundam mais e onde escasseiam; apontar os motivos dessa pobreza ou abundancia relativas.

#### N.º 22

1.<sup>a</sup> parte—Que modificações imprimiram os povos da Europa aos principios da Renascença? Foi esta desde logo accete ou luctou com as tradições locais?

2.<sup>a</sup> parte—Os caracteres da architectura chamada *manuelina* dão direito a considerá-la uma manifestação pura e exclusivamente nacional? O que é que se pode chamar nacional, portuguez, nos costumes, na vida, nas lettras e na arte n'uma côrte em que as familias reinantes de Portugal e Castella se confundiram em allianças matrimoniaes continuas e successivas durante os dois seculos XV e XVI (e ainda em parte do XVII).

## N.º 23

1.<sup>a</sup> parte—Será a influencia do Dürer restricta á arte allemã? Entende-se influencia como pintor, gravador e tratadista.

2.<sup>a</sup> parte—Quaes são os documentos onde se manifesta a influencia de Dürer em Portugal? Papel das nossas feitorias na Flandres, nas relações artisticas com Portugal.

## N.º 24

1.<sup>a</sup> parte—Que influencia teve a vida dos salões na arte franceza do seculo XVIII? Que circumstancias sociaes quebraram a tradição da arte de Luiz XIV? Que influencia teve Diderot na orientação critica da pintura? Qual o caracter da arte dos *petits maitres*?

2.<sup>a</sup> parte—A arte italiana do seculo XVII, em concorrência com a franceza nos reinados de D. João V e D. José, na côrte e na vida religiosa e civil. Construções e artes decorativas. As casas religiosas, os solares da nobreza e da burguezia cultivaram até certo tempo com intelligencia e amor a tradição dos labores technicos familiares, da sua variadissima factura, do seu expressivo estylo, e do seu carinhoso e poetico symbolismo. Como se pôde esquecer tudo isso, em troca dos avelorios de um industrialismo banal, ora ostentadamente caro e indiscreto, ora aparentemente barato, mas desmoralizador e funesto, porque desnacionalisa o que temos de mais precioso: o alfabeto das fórmãs da arte nacional.

## N.º 25

1.<sup>a</sup> parte—Ha rasões ethnicas, historicas e religiosas que expliquem o caracter da pintura hespanhola? Qual a influencia da Renascença italiana na peninsula. Ribera filia-se na arte nacional ou na italiana?

2.<sup>a</sup> parte—Determinar a arte do azulejo peninsular monumental e decorativo e especialmente portuguez em todos os seus aspectos: sua influencia e possivel revivescencia dentro e fóra da habitação e do templo. Relação do mosaico com o azulejo, sobretudo nos pavimentos: ha conveniencia em preferir em dado caso qualquer das technicas?

#### N.º 26

1.<sup>a</sup> parte—Que influencia teve Miguel Angelo na decadencia da arte italiana? A fórma e o maneirismo, subjugando a idéa e a simplicidade, como se accusam na architectura, na esculptura, na pintura? Pode ainda chamar-se Renascença á arte italiana no seculo XVII? Teria algum precedente na antiguidade classica?

2.<sup>a</sup> parte—A obra de esculptura em pedra e de talha portuguezas, exaggerada na sua virtuosidade technica, exerceu nos séculos XVII e XVIII uma influencia nociva e perduravel sobre o gosto de todas as classes sociaes entre nós.

#### N.º 27

1.<sup>a</sup> parte—Que influencia teve a côrte de Versailles na arte pomposa do seculo XVII em França. Qual foi o papel de Lebrun na arte academica e na reacção ás tendencias da pintura de genero durante a Regencia? A esculptura franceza do grande seculo continua a tradição gothica nacional ou soffre a influencia italiana?

2.<sup>a</sup> parte—Ourivesaria profana, seu valor entre nós, sobretudo nos seculos XVII e XVIII. Influencia do estylo rocóco; determinar a sua acção sobre o desenvolvimento da technica nas artes menores.

#### N.º 28

1.<sup>a</sup> parte.—Influenciaram as artes menores na architectura e na esculptura franceza do seculo XVIII? Em que se revela essa influencia e qual a arte a que deu origem?

2.<sup>a</sup> parte.—A ornamentação e tauxiagem dos metaes preciosos e não preciosos na peninsula. A ourivesaria religiosa teve influencia preponderante; e a sua technica exerceu-se nas condições mais variadas, mas com resultado desigual em Hespanha e Portugal.

## N.º 29

1.ª parte—Que relações de origem, de character, de technica ha entre a pintura ingleza e as escolas do continente? Quando começa a escola nacional ingleza? O genero moralista e satyrico filia-se na arte flamenga ou é a expressão artistica do movimento litterario nacional?

2.ª parte—Sendo a polychromia e a imaginaria um elemento essencial da arte popular nacional, no trajar, na alfaia rustica, no mobiliario, nas festas e funcções da vida publica e particular, como é que nos falta o illustrador, ora humorista, ora satyrico e moralista?

## N.º 30

1.ª parte—Quando apparece na historia da arte a idéa do estylo? Como devem ser, se o devem ser, restaurados os monumentos historicos? Quaes as opiniões dos varios congressos sobre esta questão?

2.ª parte—O que é a arte chamada *Indo portugueza*? A influencia das conquistas traduzia-se na «affluencia» de grandes riquezas para as obras da arte no Reino e para as encommendar faustosas fóra delle. Resta, porem, saber se a grande arte—a architectura—aproveitou para os seus traçados e plantas, os elementos exoticos da construcção e do symbolismo, isto é, da esthetica oriental.



# AS RUINAS DO CARMO

(Continuado do n.º antecedente)

## CRUZEIRO

Com 33<sup>m</sup>,0 de comprimento por 8<sup>m</sup>,80 de largura.

Tinha oito capellas: quatro collateraes da capella mór, e quatro nos topos. As collateraes, do lado do Evangelho, eram da invocação de Nossa Senhora dos Prazeres e Boa Morte; as do topo, de Nossa Senhora da Encarnação, sumptuosissima, e de Nossa Senhora da Porta do Claustro, de altar portatil. As collateraes, do lado da Epistola, das de Nossa Senhora da Piedade e Conceição; as do topo, do Santissimo Sacramento, imponentissima, e a do Santo Christo Captivo.

Todas as capellas eram de finissimos marmores, brunidos com tal perfeição, que pareciam espelhos.

Uma elegante cimalha corria sobre ellas; as paredes, revestidas de magnificos azulejos e ornadas de paineis ricamente emmoldurados, com passos da vida do patriarcha Santo Elias, e outros da ordem, etc.

\*  
\* \*

## CAPELLA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

Era esta a sua primeira denominação, passando no seculo 18.º a ter a de *Sant'Anna e S. Joaquim*, por aqui se venerarem as respectivas imagens: a de Sant'Anna, á direita, e a de S. Joaquim, á esquerda. (1)

---

(1) Tambem aqui se veneravam as imagens de Nossa Senhora da Encarnação e da Soledade. Aquella conservou-se sempre na tribuna, ao centro, entre as de Sant'Anna e S. Joaquim. Fóra da tribuna, em nichos, as dos pais de Sant'Anna: do lado do Evangelho, Santo Estulano; do da Epistola, Santa Emerenciana.

Em 25 e 26 de Julho faziam-se pomposas festas em honra de Sant'Anna e S. Joaquim. A respectiva irmandade era, na maioria, composta de pessoas de distincção, sendo o provedor sempre um fidalgo titular.

«De marmores semelhantes ás outras partes nobres da Egreja». Tinha quasi 7 metros de fundo e altura consideravel. O arco, de bellissima talha, com figuras em relevo. Entrava-se para a capella por quatro degraus de pedra lavrada; o retabulo e banqueta, de talha e fina pedraria de varias côres, embutida com distinctos labores; o throno, de talha dourada; riquissimo o sacrario, cuja porta era uma pedra preciosa inteiriça; (1) cobertas de talha dourada as paredes, onde havia santuarios com meios corpos de santos e reliquias. Pintada de brutesco a pedraria da abobada, em cujos remates se conservam antigos ornatos.

#### Epigraphia:

Havia nesta capella, que os religiosos, depois da morte do fundador, deram á illustre familia dos Brandões, um jazigo, no qual, sob as respectivas armas (2 dragões batalhantes e um cavallo marinho por timbre) se lia a seguinte inscripção:

*Aqui jaz Duarte Brandão, cavalleiro da Garrotêa, a qual ganhou no reino de Inglaterra por muitos afamados serviços que fez a El-Rey Duarte; que a este tempo era no Reino, do Conselho dos Reys de Portugal: o qual faleceo aos 11 dias de Novembro de 1508. (2)*

Esta capella, uma das mais bellas sob o ponto de vista architectonico, é hoje a sala

#### D. FERNANDO 2.º

---

(1) De porphydo. Neste sacrario existia uma custodia de prata, de alto valor.

(2) Tambem aqui se sepultaram outros membros de tão distincta familia e bem assim Dona Marianna de Noronha e Menezes, da Casa dos Condes da Idanha (Alcaçovas Carneiros), mulher de Fernão de Lima Brandão.

Foram, posteriormente, administradores d'esta notavel capella os Castellos Brancos, condes de Pombeiro, senhores de Bellas, etc., alliados por casamento aos Brandões.

\*  
\* \*

## CAPELLA DA SENHORA DA BOA MORTE

Muito semelhante á precedente, e foi, em 1573, dada a Affonso de Torres, commendador da ordem de Christo.

Foi nesta capella que primeiro descansaram os restos mortaes da mãe do condestavel, sendo; em 1548, transferidos para a capella mór. Tinha um imponente retabulo de talha com folhagem dourada sobre campo vermelho.

No primeiro corpo, uma bella imagem de Nossa Senhora, morta, sendo notavel o tumulo em que se encerrava a mesma imagem, que se expunha á veneração publica nos sabbados de tarde e nos dias solemnes.

Nas paredes e abobada, delicada obra de talha; naquellas, dois magnificos paineis, um do Transito, outro da Coroação da Virgem.

Em 1627 instituiu-se aqui a importante irmandade denominada *Congregação dos Escravos da Senhora da Boa Morte*, (1) administradora da capella. (2)

É hoje a sala

ANDRE DE REZENDE.

\*  
\* \*

## CAPELLA DA ENCARNAÇÃO

Tambem denominada da «Encarnação e da Cruz».

Era das mais magestosas, e até mais alta que a capella mór.

Para o presbyterio subia-se por cinco degraus de pedra lavrada. No altar, o maior e mais formoso do templo, disse algumas vezes missa S. Francisco Xavier.

(1) Esta irmandade fazia uma grande festa á Senhora no dia 15 d'agosto.

(2) Ao norte d'esta capella está a torre, que poucas modificações tem soffrido. D'este trecho da igreja diz Sant'Anna apenas o seguinte: «A torre he sufficiente, e tem os sinos, que para o ministerio do côro são precisos». *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1670.

O retabulo, em que se salientavam as suas altas e elegantes columnas douradas, era dividido em cinco corpos.

Além de admiraveis paineis, disseminados por esses corpos, havia mais: no primeiro, a sumptuosa tribuna, e nella, em tamanho natural, a imagem da Senhora; no segundo, tribuna com a imagem de Christo Crucificado, trabalho de Miguel Angelo; no terceiro, uma grande e formosa janella, por onde entravam jorros de luz; no quarto e quinto, paineis e cortinados custosos.

Esta capella foi em 1542 dada a um neto do condestavel, tambem chamado D. Nuno Alvares Pereira, mas, por falta de successão, voltou mais tarde á administração dos frades, e bem assim á das notaveis irmandades da *Encarnação e Vera Cruz*, e posteriormente da dos *Escravos da Cadeia de Nossa Senhora da Encarnação*.

Epigraphia:

No pavimento havia tres sepulturas. Na do meio lia-se:

*Aqui jaz D. Nuno Alvares Pereira, filho de D. Fernando de Menezes, segundo marquez de Villa Real, e da marqueza Dona Maria Freire; e sua mulher Dona Maria de Noronha, filha de D. Martinho de Castello Branco, conde de Villa Nova e da condessa Dona Maria; falleceu no fim de Dezembro de 1553.*

Na da parte do Evangelho:

*Sepultura de Dona Iñez de Castro, mulher que foy do Regedor Lourenço da Sylva, com licença do Conde.*

Na da parte da Epistola:

*Aqui está depositado o corpo de Bernardim de Tavora de Sousa, Reposteiro mór de sua Magestade; faleceu em 6 d'agosto de 1652. (1)*

---

(1) Tambem aqui foi sepultado D. Miguel Luiz de Menezes, 3.º conde de Valladares, varão insigne, fallecido a 11 de dezembro de 1744.

\*  
\*\*

## CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA PORTA DO CLAUSTRO

Ficava esta capella, de altar portatil, entre a da Encarnação e a primeira da nave do norte.

A notavel porta do claustro, guarnecida de brincada talha dourada, dava serventia da igreja para o convento, e sobre ella existia uma bella imagem de Nossa Senhora do Carmo, pintada a fresco nos marmores da parede, e conhecida pela denominação constante da epigrapha.

Sobre o arco da mesma porta estava o orgão grande, «que pelo fabrico e pelos ornatos era dos mais singulares e applaudidos na côrte». (1)

### Epigraphia:

Em uma campa rasa, proximo á porta lia-se:

*Sepultura de D. Christovão Joseph da Gama e de sua mulher Dona Marianna Teresa de Lancastre, e de seus herdeiros e descendentes, 1705.*

Tambem aqui havia um carneiro da nobre familia dos Padilhas com o respectivo brazão d'armas e o seguinte letreiro:

*Sepultura de Christovam Fernandes de Padilha, (2) Escudeiro Fidalgo e cavalleiro da ordem de Santiago, e de seus herdeiros, anno de 1535.*

M. J. CUNHA BRANDÃO.

(Continua).

---

(1) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1453. Feito em Hamburgo por João Henriques por 8:000 cruzados. A varanda de talha, que o circumdava, tinha custado 3:000.

(2) Era um fidalgo castelhano, que emigrara para o nosso paiz.

(3) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1491.

## A CLASSIFICAÇÃO DOS MONUMENTOS NACIONAES

De ha muitos annos que no seio do conselho dos monumentos se tem discutido a vantagem e impreterivel necessidade de organizar uma lista dos edificios e objectos de character monumental, cuja conservação deve ficar sob a vigilancia immediata do Estado.

A empreza, considerada de relance, parece facil, e por isso se estranha a demora que tem havido na organização definitiva dessa lista, sem a qual impossivel se torna adoptar providencias acertadas e seguras, de alcance verdadeiramente pratico e utilitario. Sem esse guia, o governo, as auctoridades publicas e até as corporações de toda a natureza, mal poderão orientar os seus trabalhos de restauro ou conservação.

Todavia, bem considerado o assumpto, não é elle tão facil que se possa decidir duma só pennada ou resolver com um julgamento superficial. Quem ha ahi que ao presenciar a Batalha, Alcobaça, Thomar ou Belem, não comprehenda que tem deante de si um monumento digno de toda a consideração e respeito? Por mais rude que seja o seu espirito, por mais ignorante que seja em bellas-artes, a esthetica do edificio impõe-se de tal modo, que elle não póde libertar-se duma impressão fascinadora.

Ha, todavia, outros monumentos que não teem esse character expressivamente ornamental, de linhas severas ou elegantes, e que só podem ser devidamente apreciados por quem estiver ao facto da sua significação intrinseca, por quem souber as recordações historicas que lhes andam ligadas, por quem fôr, emfim, iniciado no conhecimento dos hieroglíficos de pedra, gravados em paginas seculares.

Aqui está, por conseguinte, explicado o motivo por que é tão difficultoso o elaborar uma classificação methodica, que nada exclua d'aquillo que deva ou mereça ser attendido e conservado com todo o recato. Não seremos nós, portanto, quem estranhe a demora havida na redacção definitiva do trabalho naturalmente incumbido ao Conselho Superior dos Monumentos, e do qual elle acaba de desempenhar-se de um modo que nos parece satisfatorio.

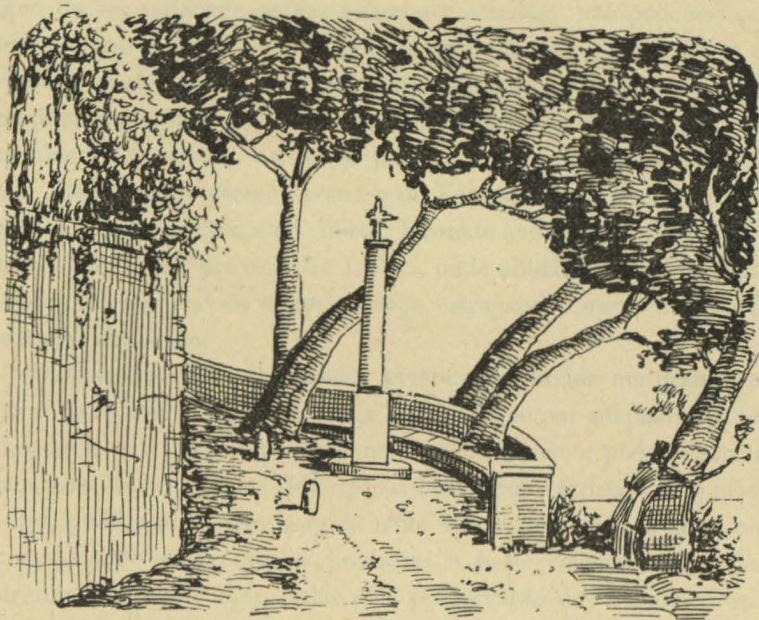
Temos presente o seu *Projecto de classificação*, que se nos afigura bastante desenvolvido, posto que não o julgemos absolutamente com-

pleto e perfeito. A lista é já de si extensa e ainda assim, cremos nós, poderia ser ampliada em diversos pontos, que offerecem certamente deficiencias. No capitulo referente a *Trechos architectonicos* ha com certeza muito que accrescentar, bastando citar muitos fragmentos que se observam nos arredores de Lisboa e que nos dão idéa de quanto foi intensa a actividade artistica do paiz em certas épocas.

Apreciando devidamente o trabalho do Conselho e julgando-o digno de ser ratificado, salvas quaesquer emendas, não podemos comtudo occultar o receio de que a lista proposta não dê occasião a que se votem ao desprezo ou esquecimento alguns monumentos que ficaram excluidos e que não são inferiores nem menos importantes que outros similares relacionados. Entre os paços episcopaes, por exemplo, não veem citados os de recreio, como o de Fontello, em Vizeu, o de Santa Cruz da Maia, proximo do Porto, bastante em ruinas, e o de Santo Antonio do Tojal, proximo de Lisboa, onde ainda se conservam muitos objectos apreciaveis e que se estão estragando, graças ao mais imperdoavel abandono.

O Conselho dos monumentos presta, sem duvida um grande serviço ao paiz com a organização da sua lista, que por emquanto se acha reduzida a uma serie de nomes, mas que largamente poderia ser ampliada com as respectivas descripções historicas e artisticas dos monumentos, publicando-se em seguida n'um volume de larga tiragem, para ser distribuido pelas escolas primarias e pelas corporações a quem mais directamente cumpre zelar pela conservação dos monumentos.

Não é só ao governo e ás entidades officiaes que compete o exacto cumprimento desta missão civilisadora. E' sobretudo ao povo que ella deve ser entregue e para isso convem educal-o convenientemente, ministrando-lhe os subsidios indispensaveis para fortalecer o seu espirito no conhecimento e no amor do bello. Se é triste e deploravel que o povo não saiba lêr nem escrever, não menos tristeza nos causa a sua ignorancia perante os monumentos, que são outras tantas illustrações da nossa vida historica. A leitura d'essas paginas de pedra não é menos util nem menos instructiva que a leitura de qualquer compendio escolar. É preciso ensinar o povo a lêr nos monumentos, como se lesse numa Cartilha Nacional.



**Cruzeiro do Convento dos Capuchos em Cintra**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 5—PAG. 323

## CRUZEIROS NOTAVEIS

(Continuado do n.º antecedente)

### LVII

#### ● **Cruzeiro do Convento dos Capuchos em Cintra**

O sr. Annibal Fernandes Thomaz, na sua valiosa collecção de estampas, possui uma assás interessante, posto que tenha o que seja de enigmatico, não se sabendo se foi feita expressamente para algum artigo de revista ou periodico litterario ou se não passa de folha solta, exprimindo apenas o caprichoso devaneio de alguma phantasia sentimental. Não se lhe conhecem tambem vestigios de ter sido destinada a formar parte de algum «Album» de vistas pittorescas de Cintra.

A estampa que mede, exceptuando as margens, desenove centimetros e meio de largo sobre quatorze de alto, representa um pequeno largo, o atrio do conventinho dos Capuchos, a mais rustica e penitente morada monachal que existe no nosso paiz e que fazia o assombro de quantos a visitavam, não causando menor impressão no mordente espirito de Byron. A duas leguas de distancia ergue-se Mafra na sua grandeza esmagadora.

Os dois extremos, monstruosamente exemplificados.

E contudo Mafra não era habitado por frades ricos e tanto que os seus paramentos, aliás magnificos, eram bordados a retroz, por lhes ser prohibido o uso do ouro. Assim se illudiam os preceitos da humildade christã! O catholicismo, tanto na gerarchia ecclesiastica como na escala monachal, pela diversidade das Regras tem destes contrastes surprehendentes e inexplicaveis, mais aberrações do que contrastes.

Na estampa, que serve para nos indicar as transformações por que passou o sitio, decorridos setenta e dois annos, avulta ao centro um cruceiro. Ao lado direito do observador e de costas para elle vê-se um homem gravando num tronco a palavra «Elisa». E' sem duvida um romantico da epoca. Cobre-lhe a cabeça um chapéu alto. O traje não é certamente dos mais apropriados ao bucolismo da scena.

Notemos agora as indicações graphicas de estampa.

Na margem inferior, á esquerda do observador, um monogramma

e a phrase: «Em Cintra, 1835». Ao centro: «Lith. Largo do Quintella, n.º 1», e por baixo estes versos, rubricados com as iniciais J. F. C.:

«Consagrado á paixão seja este tronco  
Onde a mais terna mão gravou seus versos,  
Versos sem arte, só de amor nascidos.»

A primeira inicial está errada, devendo ser A. em vez de J., pois os versos são de Antonio Feliciano de Castilho, primeiro visconde do seu appellido, e extrahidos das «Cartas de Echo a Narciso», cuja primeira edição é de 1821.

A inicial J. poderia fazer suppôr que seriam de seu irmão José Feliciano de Castilho.

Ao lado direito lê-se um monogramma «J. J. S. (João José dos Santos) dez. em Lith.»

João José dos Santos foi gravador da Academia de Bellas Artes e morreu de idade avançada no logar de bibliothecario da mesma.

Era um velho sympathico, de extrema magreza quasi esqueletico. Acompanhou o conde de Racksynskí nas suas excursões artisticas pelo paiz, coadjuvando-o prestantemente nos seus trabalhos.

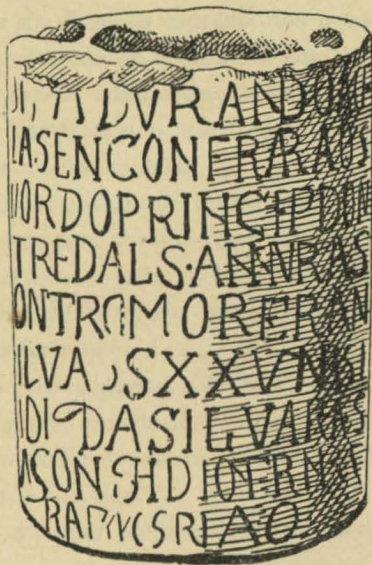
Fez muitos desenhos e gravuras para uso do mesmo conde, que lhe consagra um artigo no seu «Dictionaire», em que se mostra reconhecido aos serviços que delle recebera.

A estampa acompanhando este artigo é reproducção, bastante reduzida, da do sr. Annibal Fernandes Thomaz.

## LVIII

### **A cruz de Galindo**

A cruz de Galindo, de que só resta um fragmento, a base cilindrica, onde outr'ora esteve encravada, recorda-nos um feito heroico, absolutamente historico, incidente da vida militar do seculo xv, mas que se diria antes um episodio romantico dos livros de cavallaria, pagina arrancada do «Amadis de Gaüla», attribuido a Vasco de Lobeira, ou do «Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda», de Jorge Ferreira de Vasconcellos.



**A Cruz de Galindo**

Absorvido completamente pela ideia tão falaz como ambiciosa, de enfeixar num unico sceptro a soberania da peninsula, D. Affonso v, o noivo da EXCELENTE SENHORA, penetrára em Hespanha á frente de um luzido exercito composto de cerca de vinte mil homens, sendo cinco mil e seiscentos de cavallo e quatorze mil de pé.

A entrada effectuára-se em maio de 1475, pela villa de Arronches, acompanhando o principe D. João a seu pae até Corticeira e Piedra Buena, já na fronteira hespanhola, d'onde regressou a Portugal para tomar conta da direcção suprema dos negocios do reino.

E não era pouco trabalhosa e difficil a sua tarefa, pois não só lhe competiam os encargos da administração interna, como tambem a de velar pela segurança das fronteiras, assaltadas e invadidas, aqui e além, pelos partidarios dos reis catholicos.

A isto accrescia o cuidado de reunir gentes e dinheiro para auxiliar a empreza de seu pae, até que fosse elle em pessoa soccorrel-o, contribuindo com o seu valor para salvar a honra das armas portuguezas na indecisa batalha de Tóro, em que elle saiu vencedor e seu pae soffreu os revezes da fortuna.

No meio destas preocupações e fadigas estava o principe em Extremoz, no mez de agosto, quando lhe vieram novas de que a fortaleza de Ouguella caira em poder dos hespanhoes, commandados por um capitão de fama chamado Galindo.

Não lhe soffreu o animo pundonoroso este desacato e logo tratou de se dirigir para ali, afim de reconquistar a cidadella, assaltando-a ou pondo-lhe cerco.

Uma noite saiu da fortaleza uma ronda ou partida de inimigos, á frente da qual vinha o proprio chefe.

Encontrou-se ella com outra partida de portuguezes, commandados por João da Silva, aio do principe.

Aconteceu que os dois capitães se dirigiram um para o outro, e tão violento foi o combate que ambos vieram a perecer das feridas que se deram.

A gente que os acompanhava parece que se limitou a observar este combate singular, como se estivesse assistindo a um simples torneio ou duello.

Se os hespanhoes recolheram o seu commandante ou se o deixaram ficar no campo da batalha, ignora-se. Parece, porém, que elle fallecera desde logo, ao passo que o seu antagonista expirou algum tempo

depois. E' o que se deduz de uma carta assignada pelo principe em Extremoz a 22 de agosto e dirigida ao mesmo João da Silva, em que lhe diz que se Deus fosse servido leval-o da ferida que havia recebido em serviço prestado na villa de Ouguella, promettia fazer mercê a seu filho Ayres da Silva, do Castello de Montemór-o-Velho, da commenda da Messejana, do officio de camareiro-mór, além de outras mercês que del-rei e do principe tivesse recebido.

João da Silva falleceu entre a data desta carta e 8 de setembro seguinte, que foi quando o seu filho Ayres da Silva principiou a exercer os cargos do pae. O seu epithaphio, na igreja de S. Marcos, nas proximidades de Coimbra, diz que elle expirara vinte e um dias depois do fatal duello. O letreiro da Cruz de Galindo attesta que elle sobrevivera vinte e oito dias.

Não são unicamente estes dois monumentos, o epitaphio do tumulo e o letreiro da cruz, que estão em desharmonia entre si. Os escriptores, que mais particularmente se occuparam do assumpto, uns coevos, como Ruy de Pina e Garcia de Rezende, outros posteriores, como Damião de Goes, Duarte Nunes do Leão e Salazar y Castro, se são unanimes no essencial do feito, comprovando assim a sua authenticidade, differem todavia nos pormenores, sobretudo no nome do capitão hespanhol, que uns chamam João Fernandes outros Martin, a quem designam por mestre d'Alcantara, titulo aliás contestado por Salazar y Castro.

E' muito provavel que no sitio do combate se pozesse desde logo algum signal commemorativo, servindo assim de indicio ao bisneto de João da Silva, que passando por ali setenta e seis annos depois, mandou erigir o piedoso monumento, que se compunha duma cruz de ferro sobre um pedestal cylindrico, no qual se lê a seguinte inscripção.

NA E DE 1475 DURANDO A GERA ANTE PORTUGAL E CASTELA S ENCONTRARÃO  
NESTE LVGAR 1º DA SILVA CAMARº MOR DO PRINCEPE DOM 1º O II E 1º FRZ GALINDO  
ELE O MESTRE DALCANTARA SENDO AMBOS CAPITÃES E DO ENCONTRO MOREBAN AMBOS O  
MESTRE LOGO E IÃ DA SILVA OS XXVIII DIAS E DIOGO DA SILVA BISNETO D 1º DA  
SILVA PASANDO POR AQUI EMBAIXADOR AO CONSELIO TRIDENTINO MANDO FAZER ESTA  
+ ERA DE 1531 Ao. (1)

(1) O s da ultima palavra está incluso no O. No Catalogo do Museu de Elvas, ao transcrever este letreiro, poz-se de menos um x no principio da data, dizendo-se por conseguinte 18 dias em vez de 28. Duarte Nunes de Leão, como adiante se verá, tambem se enganou, pondo só 17 dias.

O monumento deixou de existir no logar proprio, sendo transferidas as pedras que conteem a legenda para o museu municipal d'Elvas, achando-se descriptas no respectivo catalogo sob os n.ºs 351 e 352, onde se diz que ellas foram ali depositadas em junho de 1903 pelo sr. dr. João Diogo Pereira d'Agrella, presidente da camara de Campo Maior.

Uma testemunha de vista, que teve occasião de o observar por 1856, diz que estava situado a leste de Ouguella nas abas do monte onde ainda se ostentam os restos das suas muralhas, n'uma superficie pouco extensa, vulgarmente conhecida pela designação de terras da «cruz de Galindo».

Compunha-se de uma cruz de ferro, toscamente trabalhada, a qual se firmava em um sóco de pedra de fórma cilíndrica, que por sua vez assentava n'um pedestal pouco alto.

O aspecto geral tinha um caracter de rudeza.

No cilindro havia uma longa inscripção, que a pessoa alludida diz que não conseguira decifrar completa, podendo apenas compenetrar-se de que se referia ao caso de Galindo.

A testemunha a que nos referimos chamava-se J. Dubraz, auctor de um livro, publicado em Lisboa em 1868, sob o titulo de «Recordações dos ultimos quarenta annos».

Na primeira das suas notas (pag. 292) trata o assumpto de que nos vimos occupando.

Copiaremos textualmente algumas das suas palavras, que mais servem para commentar a historia do interessante monumento.

«Existiu ali um padrão simples, que ainda em 1857 estava de pé, e que um indesculpavel desleixo municipal deixou aniquilar nesse mesmo anno, por ter caido de velhice, se o não derrubou o vandalismo».

Causa extraneza que J. Dubraz ignorasse o destino do venerando padrão, sendo como era tão conhecedor das coisas da localidade, incumbido alem d'isso de escrever os «Annaes do Municipio de Campo Maior». Ora a camara deste concelho, respondendo a uma circular da «Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes», em officio de 24 de janeiro de 1907, dizia o seguinte:

«Tambem neste concelho existiam umas lapides com inscripções allusivas ao combate singular, travado no seculo XVI (?) entre os esforçados alcaides de Ouguella e Albuquerque, narrado por Garcia de Rezende no capitulo X da chronica del-rei D. João II. e que esta ca-

•mara egualmente cedeu para serem conservadas no museu daquela mesma cidade (Elvas). Este monumento constituia um padrão historico, que se não devia deixar perder e arruinar de todo e é conhecido pelo nome de «Cruz de Galindo» do nome do celebre alcaide João Fernandes Galindo, que pereceu no combate».

A gravura, que acompanha este artigo, é a reproducção de uma photographia que o sr. A. Thomaz Pires, distincto escriptor e archeologo elvense, teve a extrema amabilidade de tirar para nos offerecer. Representa apenas o sopé da cruz, e no qual se acha gravada a inscripção. A pedra tem de altura 0,<sup>m</sup>60 e 1,<sup>m</sup>46 de circumferencia. A cruz de ferro já não existe.

Ao sr. A. Thomaz Pires aqui deixamos exarada a prova do nosso reconhecimento.

\*  
\* \*

Apresentaremos agora os documentos e excerptos dos escriptores que manusearam o assunto, afim de que o leitor verifique por si proprio as divergencias que entre elles se notam no tocante ás circumstancias assessorias.

Cabe o logar de honra á carta de promessa do principe, depois D. João II, a qual já foi impressa pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire a pag. 232 do *Livro terceiro dos Brasões da Sala de Cintra*, posto que a não desse na integra. Ahi se diz achar-se registada (inclusa em outras de confirmação) no Liv. XVI fl. 44 com a data certa, e no Liv. XXXII fl. 28 da de D. Manuel I com ella errada. Procedendo-se a mais attenta leitura verificou-se que o reparo não tem razão de ser, por isso que nos dois registos as datas estão conformes.

Eis o documento:

«Joham da Sylua amigo a nos prazera a se for vomtade de nosso Senhor vos llevar pera sy desta ferida que por nosso serviço onustes em a uila douguela fazermos mercee aires da sylua vosso filho mayor do Castelo de monte moor o velho e comenda de mesejana e officio de noso camareiro moor e asy de todas e quaees quer outras cousas que del Rey meu Senhor e nosas teverdes e por lembrança nossa e sua guoarda lhe damos este nosso asynado e acontecendo o que a deos

prazeraa daruos saude vos nos tornaes o dito asynado por que nam  
queremos que nhũa pessoa o possa alegar pera outro nos requerer  
nem nossa temçam he o darmos jamays soamente a vos em especiall  
nos prouue fazelo e pasar nosa ordenamça fecto em estremoz a xxij  
dagosto de mill iiij<sup>o</sup> lxxb. /<sup>1</sup>»

\*  
\* \*

Da obra atraz citada transcrevemos o epitaphio, que se acha gra-  
vado no tumulo de João da Silva, na igreja do extincto convento de  
S. Marcos, transformada quasi toda ella em sumptuoso pantheon de  
illustre familia Silva. Os mausuleos reaes de Santa Cruz, de Alcobaça,  
da Batalha e de Belem não lhes são por ventura superiores.

PER. ESTA. LETRA. SABERES. QUE. FIDALGUIA. SABER. ANYMO. ESFORÇADO. FIZERÃ.  
ESTE CUJOS. OSOS. / ESTÁ. TAM. PEQUENA. PEDRA. COBRE. DINO. DE. PERPETUA. ME-  
MORIA. FILHO. FOY. DO. MUY. NOBRE. E PRUDENTE / AYRES. GOMEZ. DA SILVA GOVER-  
NADOR. DE LIXBOA E DA MUITO VERTUOSA E DYSCRETA DONA / BRITIS. DE MENESES.  
JOAM DA SILVA FOY SEO NOME CAUALIRO MUY ESTIMADO. LINHA / JEM. DOS PRICEPES.  
ROMAOS. SEUS MEREcimientos O FEZERÃ EM MUYTAS ACES / AS BATALHAS. CAPITAM.  
FOY GERALL. DELL REY DOM PEDRO. NAS GUERAS DARA / GAM. E DESPOJS. CAMAREIRO.  
MOR. E DO CONCELHO DEL REY. DOM JOAM O SEGUNDO E DELE MUYTO AMADO. E PRE-  
ZADO / ESTANDO NA FRONTARIA DO DIANA POR CAPITAM POR OMRA DE SEU REY E DE-  
FEMSAM DA PATRIA A UIDA. OFERECEO / A FORTUNA DAQUELES GRANDES DOUS CAPITAES  
DE ROMA MARCO BRUTO E ARUMCE ABRACOU A ELLE E A / DOM MARTIM GALIMDO EMLEITO  
MESTRE DALCANTARA EM OUGUELA JNDO AMBOS DE NOITE NAS DIAMTEIRAS DE SUAS JEM-  
TES RECONHEGERÃSE HU AO OUTRO E SE EMCONTRARÃ DE MANEIRA QUE HO EM / LEITO  
MESTRE LOGO NO CAMPO FICOU MORTO E ELLE XXI DIAS UIUDO E DESTA TAM VAM / UIDA  
PARTIO CASO FOY A PRINCEPES E A CAPITAES TAM POUÇAS VESES ACÓTECIDO UOS / QUE  
DELE DECENDES LEMBRAIÇOS E PREZAIÇOS DE PAY DE TAES DÓTES POLLOS AGRECEM /  
TAR E CONSERUAR TRABALHANDO POR SUA ALMA A DEOS ROGUAE. /<sup>2</sup>

\*  
\* \*

Como é sabido, Garcia de Rezende na sua chronica de D. João  
II não fez mais que plagiar o que Rui de Pina escreveu sobre o mes-  
mo assunto, ja na chronica de D. Affonso v, ja na do seu immediato  
successor. Convem todavia advertir que o primeiro destes escritores,  
não se limitou a reproduzir sem discrepancia o texto de Rui de Pina,  
antes modificou algumas coizas e acrescentou outras. O capitulo 183

<sup>1</sup> Torre do Tombo. Chanc. de D. Man. Liv. 32 fl 28 e

D. João II Doaç Liv 46 f. 44

<sup>2</sup> Terceiro dos Brazões de Cintra, pag. 183.

da *Chronica de D. Affonso V*, confrontado com o x da chronica de D. João II de Resende servirá para nos patentear até que ponto os dois chronistas em alguns casos se afastavam.

Na chronica de D. João II em quanto principe, de Damião de Goes o feito de João da Silva vem mais historiado. Segundo o seu habitual costume os antigos chronistas, raras vezes citavam precisamente as fontes da sua informação. Quer-nos parecer que seria de grande vantagem estudar e averiguar o mais solidamente possivel quaes os elementos primordiaes de que se serviu Damião de Goes para a coordenação das suas narrativas historicas. É possivel que elle extrahisse de obras hespanholas, no tocante a D. João II, algumas noticias que se não encontram em Rui de Pina e Resende.

Seguem os excerptos dos tres escriptores:

\*  
\* \*

## Chronica d'el-rei D. Affonso V

### CAPITULO CLXX XIII

*De como o Principe cercou a Vylla de Ougela, e a tomou, e da morte de Joam da Sylva.*

Neste mesmo ano no mes de Junho estando o Pryncepe em Estremoz, Galyndo Cavalleiro Castelhana, e na Estremadura de Castella bem aparentado, tomou salteada e por máo recado dos visinhos dela, a Villa d'Ougela, junto com Campo-Mayor, sobre que o Pryncepe com a mais jente de pé e cavallo que foy possyvel, e com algumas artilharias logo acudio, e a cercou, em cujo cerco era do Pryncepe Capitam principal Joam da Silva seu camareiro Moor, nobre Fydalgo, e de men (*sic*, deve sêr mui) conhecido e esprementado esforço. E fymalmente foy a Vylla assy afrontada, que aos contrairos que a tinham, conveo com risco de suas pessoas partiremsse dela e livremente a leixarem. E em vindo o dito Galyndo jaa sobre este concerto, com assaz de gente pera recolher os seus que saissem do cerco, sahio a elle o dito Joam da Sylva, e vindo cada hum delles diante da sua jente de noite, pessoa por pessoa, per acertamento se toparam junto com a dita Vylla, e d'encontros tam mortaes se encontraram, que delles soos fal-

sadas as armas d'ambos, ambos morreram sem outro dano algum se receber de cada uma das ditas partes, e certo pera hum reino e pera o outro a morte de taaes dous homens, por sua nobreza e valentia foy muito sentyda e triste, mas pera suas honrras e memorias assaz honrrada e muyto de louvar.

Pag. 549. do 1.º volume da Collecção de Ineditos.

\*  
\*\*

*De como o principe tomou ouguela. Capitolo. X.*

E neste mesmo anno estãdo o principe ã estremozeo lhe veu noua como hu capitam castelhano que se chamaua Galindo tomara a villa Douguella. E tanto que o soube a foy cercar com hos que pode ajuntar: e antes de a combater lha derã os castelhanos por concerto. E neste cerco João da Silva que era camareiro mor do principe e entam capitam d'esua gente se topou de noite com ho Galido capitã dos castelhanos: e vindo ambos diante de toda a gente sem se conhecerem, se encontraram tam fortemente que daquelle soo encontro morreram ambos: sem outra algũa pessoa dambas as batalhas morrer, se nam soo elles capitães. De q̃ ho principe foy muy anojado, por que tinha muito amor a Joam da Silua: e alem de ser seu camareiro moor: e pessoa muy principal, era muy vallente caualleiro, e muyto bõm capitam, que em tal tempo era para sentir sua morte, aida que morresse em seu offiço: e assi ho galindo era muy esforçado caualeiro e muyto bom capitão. E logo ahi deu o principe o officio de camareiro moor a Ayres da silua filho do dito Joã da silua: e sendo ayres da silua bem moço começou logo de servir ho dito offiço inteiramente: e o metia nos conselhos polo fazer mais cedo homẽ e ter maís autoridade.

*Lyuro das obras de Garcia de Resẽde que trata da vida e gradissimas virtudes: e bõdades: magnanimo esforço: excelẽtes costumes e manhas e muy traros feitos do christianissimo: muito alto e muyto poderoso principe el Rey dõ João o segundo deste nome: e dos Reys de Portugal o trezeno de gloriosa memoria etc. (in-fine) foy impresso em casa de Luys rodriguez liureiro delrey nosso senhor aos xij dias do mes de Junho d'mil e q̃nhẽtos quarenta e cinco annos.*

\*  
\*\*

*Cap. LXV. De quomo ho príncipe dom Ioam tomou ha villa Douguella, e da morte de Ioam da Sylua seu Camareiro mór.*

Ho Príncipe dom Ioam depois da partida del Rei seu pai pera Castella, trattou totalas cousas que tocavam á gouernança e regimêto do regno, cõ tanta prudência, que a todos fazia espanto verem em idade tam juuenil tâta teperança no administrar da justiça, recado nas cousas da fazenda, vigillãcia e astuçaia, nas da guerra, no que andando occupado e assi em soster has partes do Regno, per honde os imigos muitas vezes entrauã, e a outras que lhe parecia disso terẽ neçessidade, lhe deram recado ã Estremoz quomo a villa Douguella, que tomaram os Castelhanos (quomo atras fica appontado) <sup>(1)</sup> staua com pouca gête, e que facilmente ha poderia cobrar aquella noite, por quãto ho capitão della, que hera hũ bõ e esforçado caualleiro castelhano que ha ganhara, per nome dom Martim galindo, electo mestre da cauallaria Dalcantara, <sup>(2)</sup> saira aquelle dia correr ha terra cõ boa parte da gête q̃ na villa tinha, e polo menos ãdaria la dous ou tres dias. Ho príncipe quomo isto soube, cõ a gente q̃ cõ elle staua e outra que dos lugares vezinhos pôde no mesmo dia ajuntar foi aquella noite sobre ha villa, ha qual em querêdo cõbater, hos que nella deixara dõ Marti galindo vêdo que nã lhe poderiam resistir, lha entregarã pacificamente, a condiçam que hos deixasse sair della, e ir liuremente pera onde lhes aprouesse, e porque ho príncipe nã pode fazer seu caminho Destremoz a Ouguela, cõ tanto segredo q̃ ho capitã dom Martim galindo, que andava pola comarca perto destas duas villas, ho nam soubesse na mesma noite, ho que sabendo fez logo volta, do que sendo ho Príncipe auisado mandou a Joã da sylua seu camareiro mór, que cõ algũa gente lhe saisse aho caminho, do que foi mui alegre, porque seu desejo era prouar forças

---

<sup>(1)</sup> E' no Cap. LII onde depois de dizer que os reis D. Fernando e D. Isabel, logo que souberam dos desposorios de D. Affonso v, com a princeza D. Joanna, se intitularam tambem reis de Portugal acrescenta: «e loguo mandaram gente de guerra que entrou em Portugal, da qual algũa fez seu caminho pola fronteira de Badajos e tomarão na comarca Deluas a villa Douguella e ha de Noudal» etc.

<sup>(2)</sup> Esta circumstancia é refutada por todos os escritores hespanhoes.

lança por lança com ho capitam dom Martim galindo, <sup>(3)</sup> ho triste effecto de qual desejo parece que naquella hora staua bem çerto a ambos, pera cõ hos seus corpos partirem ha contenda que se a todos ordenaua, que foi pelo modo seguinte. Ioam de sylua quomo lhe ho Principe dom Ioam mandou que fosse em busca do capitam Galindo, posto que ja era noite não areçeu poer em obra ho que lhe era mādado, pelo que se partio loguo da villa, e caminhando hum pouco apartado da gente iha fallando com ha mesma espia q̄ dera o aviso, descuidado de ho capitam dom Martim galindo poder ser ja tam perto da villa quomo era, e entrando por hũ caminho streito, ho mesmo dõ Galindo entraua pola outra bãda do caminho hũ pouco adiantado da sua gente, com tençam de tanto que saisse daquelle passo streito ha poer em ordenança pera socorrer hos que deixara na villa, cuidando q̄ stavam ainda dentro, adiantados assi estes dous capitaes da gente, posto q̄ fosse de noite, em chegando hũ aho outro com a claridade da lã se vierã a conhecer, e pola vontade que ambos tinham de prouar suas forças, se deram taes encontros que sem tornarem ahos segundos cairam ambos mortos <sup>(4)</sup> dos cauallos, ha gente que com elles iham chegou aho ponto de tamanho desastre, ho que assi hũs quomo hos outros vendo, spantados de hos acharem mortos, se recolheram cada hum delles pera sua parte, sem quererem trauar mais briga, que aquella de que seus bõs capitaes foram averiguadores, leuando cada hũ ho corpo do seu, pera lhe dar sepultura. Ho príçepe foi em stremo anojado pola morte de Ioã da sylua, porque alem de ser seu camareiro mór, offiço que nam cabe se nam em pessoas mui açeptas ahos príçepes, lhe tinha por elle ser muim prudente e bom caualeiro, grande amor e affeiçam, aho que hauendo respeito proueo loguo do mesmo offiço Aires da sylua seu filho, que depois foi regedor da casa da supplicaçam.

Chronica do Principe dom Ioam, rei qve foi destes regnos segvndo do nome... Composta de nouo per Damiam de Goes...

Em Lisboa,... 1576.

---

<sup>(3)</sup> Os chronistas portuguezes contemporaneos, Pina e Resende dão o caso como puramente casual.

<sup>(4)</sup> Documentalmente fica provado este erro de Goes.

\*  
\*\*

Apesar de se não saber a data certa do nascimento de Duarte Nunes do Leão, fallecido em 1608, em idade propecta, segundo se diz, é indubitavel que veio posteriormente a Damião de Goes, e que delle tirou toda a substancia da narrativa, exceptuando a particularidade consernente á *cruz de Galindo*, da qual não sabemos se teve conhecimento por exame directo, ou por informação alheia.

## CAPITULO LIV

.....

Não deixauam, entretanto que as cousas acima ditas succediam em Castella, de fazer os castelhanos entradas em Portugal. E sendo dito ao Principe Dom João, que estaua então em Estremoz, que a villa de Ouguella, que os Castelhanos tinham tomada, estaua com tão pouca gente, que facilmente a podia cobrar aquella noite; por quanto o capitão que a tomára, era sahido aquelle dia a correr a terra com a mais da gente, e ao menos podia la fazer demora de dous ou tres dias, foy sobre a villa com a mais gente que pode ajuntar, e vendo os de dentro que lhe não poderião resistir, se derão a partido das vidas.

O capitão ausente, que era João Fernandez Galindos, caualeiro esforçado da Ordem de Alcantara, e que na mesma noite soube o mau recado da villa, logo fez volta; sendo o Principe disto auisado, mandou João da Silua seu Camareiro mor, que com algũa gente lhe sãhisse ao caminho, do que elle foy muy alegre; porque como elle era esforçado caualeiro, pola fama de João Fernandez Galindo, desejava de se encontrar com elle lança por lança, e os mesmos desejos trazia o Galindo. E buscando João da Silua de pôr em effeito o que o Principe lhe mandara, posto que ja fosse noite, se partio logo da villa, e caminhando apartado hum pouco da sua gente, hia fallando com a mesma espia, que dera o avizo, descuidado de o Galindo ser ja tão perto, como era, e entrando per hum caminho estreito, o mesmo Galindo entraua pela outra banda do caminho, hum pouco adiantado da sua gente, com tenção, segundo parece, de tanto que sahisse daquelle estreito, a pôr em ordenança para soccoërer aos que na villa deixara, cuidando que estavam ainda dentro.

Adiantados assi estes dous capitães da gente, posto que fosse de

noite, em chegando hum ao outro, com a claridade da lua se vieram a conhecer, e pelos desejos que trazião ambos de prouar suas forças, se derão tal encontro, que ambos morrerão delle: o João Fernandez Galindo logo, e Ioão da Silva dahi a dezasete dias, segundo se vê por hum padrão de marmore, que no dito lugar mandou pôr Diogo da Silua seu bisneto, passando por elle ao Concilio Tridentino, aonde hia por Embaixador del Rey Dom João III.

Cronicas delrey dõ Ioam de gloriosa memoria, o Iº deste nome e dos reys de Portugal o x e dos reys D. Dvarte e D. Affonso v. etc. etc. Tiradas á lvz por ordem do Ill.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Senhor Dom Rodrigo da Cunha etc. Anno de 1643.

\*  
\* \*

Fecharemos esta resenha testemunhavel de escriptores com o arazoado de um genealogista notavel, em que faz a critica a diversos pontos anteriormente descriptos, sobre tudo no que respeita ao nome e qualidade do capitão Galindo.

Este genealogista é Salazar e Castro, que tratou da origem, descendencia e feitos da illustre familia Silva.

Juan de Silva

.....

El año de mil quatrocientos y setenta y cinco, mientras el Rey Don Alonso v solicitava apoderarse de Castilla por el derecho de su segunda muger, la Excelente Señora Doña Juana, governava à Portugal el Principe Don Juan su hijo, y entrando en aquell Reino unas tropas de Castilla, se apoderaron de la villa de Ouguela con tanto disgusto del Principe, que luego empezó à prevenirse para recobrala. Estando en Estremoz, y con el nuestro Juan de Silva, le avisaron que un cavallero Galindo, que mandava la gente castellana en Ouguela, avia salido a correr la tierra, y que se podria tomar la villa aquella noche con facilidad, respecto de aver quedado con menos gente de la que necessitava para su guarda. Partiò de Estremòz el Principe con esta noticia; pero aviendola tenido el Galindo de su resolucion, bolvia à defender à Ouguela, quando sabiendolo el Principe, mando à Juan

de Silva que con alguna gente le saliese al encuentro. Hizolo el gustoso por que la fama de el Capitan Castellano le avia hecho desear ocasiones en que experimentasse su valor, y como caminando de noche fuessen ambos capitanes algo adelantados de su gente, quando cada vno entendia que el otro estava mas distante, se encontraron en un passo estrecho, y al primer encuentro de las lanças cayeron muertos ambos, sin que sus tropas llegassen a las manos, porque acudiendo cada uno a su Capitan, y allandole sin vida, se retiraron con el cadaver, y el desaliento que suelen ocasionar semejantes sucesos. Refieren este Garcia de Resende, Damian de Goes y Duarte Nuñez de Leon; pero no se conforman interamente alguno de los tres. Goes escribe que el Capitan castellano se llamava Don Martin Galindo, y que era electo Maestre de Alcantara, lo que se opone a todas las Cronicas de Castilla y de las Ordenes donde consta que ningun cavallero Galindo fue electo Maestre de Alcantara. Duarté Nuñez dize que el tal Capitan se llamava Juan Fernandez Galindo, y era de la Orden de Alcantara, sigue a Goes en afirmar que quando se encontrò con Juan de Silva, se conocieron ambos por la claridad de la noche, y añade que aviendo quedado muerto en aquel sitio el Galindo, Juan de Silva no murió sinò diez e siete dias despues, segun conta por un padron que en el mismo lugar hizo poner Diego de Silva, su viznieto; pero Garcia de Resende refiere el suceso con estas palavras: *En este cerco Juan de Silva que era Camarero Mayor de el Principe, y entonces Capitan de su gente, se topò de noche con el Galindo, Capitan de los Castellanos, y viniendo ambos delante de toda la gente, sin conocerse, se encontraron tan fuertemente, que de aquel solo encuentro murieron ambos, sin morir otra persona alguna de ambas batallas sinò solo los Capitanes.*

Esto tenemos por mas ajustado a la verdad, respecto de observarlo mucho este Autor, que como criado que fue del Rey D. Juan II. tendria mas ciertos informes. Y en obsequio de la mayor puntualidad de la Historia, se nos permitirã dezir que los dos Autores Goes y Duarte Nuñez se equivocaron, no solo en llamar este al Capitan de Ouguela Juan Fernandez Galindo, y aquel en nombrarle electo Maestre de Alcantara sinò en dezir ambos que se llamava Galindo èl que tomò a Ouguela, por que tal noticia no ay en las Cronicas de Castilla, donde era preciso se supiese por ser suya la faccion.

Rades de Andrade dize que Don Francisco de Solis, intruso

Maestre de Alcantara, tomò en Portugal la villa de Ouguela, y dexò en ella a Pedro Pantoja su hermano, el qual por una Capitulacion hecha el año de mil quatrocientos y setenta y quatro entre el 1 Duque de Alva Don García, y el intruso Don Francisco de Solis, consta, que tuvo un hijo llamado Martin Galindo, à quien sin duda encargò su padre la guarda de Ouguela, y saliendo a correr la tierra, es el que murió a manos de nuestro Juan de Silva.

Aunque estos Autores difieren tanto en las circunstancias deste successo, todos convienen en la muerte de Juan de Silva, y en el sentimiento que ocasionò al Principe D. Juan. Goes dize: *El Principe recibió gran pesar por la muerte de Juan de Silva, por que demàs de ser su Camarero mayor, oficio que no cabe sinò en personas muy aceptas a los Principes, le tenia grande amor, y aficion por ser el muy prudente, y buen Cavallero, à lo que ariendo respecto, proveyo luego el mismo oficio en Azias de Silva su hijo, que despues fue Regidor de la casa de la Suplicacion.*

Resende, proseguendo las palabras que hemos copiado suyas para referir la muerte de Juan de Silva, añade: *Que el Principe fue muy disgustado, por que tenia mucho amor à Juan de Silva. Y demas de ser su Camarero Mayor, y persona muy principal, era muy valiente cavallero, y muy buen Capitan que en tal tiempo era para sentir su muerte aunque muriesse en su oficio, y tambien el Galindo era muy esforçado cavallero y muy buen Capitan.*

En esta forma feneciò su vida Juan de Silva despues de averla exercitado en tantos actos de valor. Diosele sepultura con sus padres en la capilla Mayor de el monasterio de San Marcos de Tentugal, y alli tenia epitafio que traduxo, como los passados Fernando Gutierrez y se lee en las decisiones de Gama. En el se hallan grandes alabanças de el valor, y piedad de Juan de Silva, y aunque refriendo su muerte, se acomoda con la que escriven Goes, y Duarte Nuñez, todavia nos hazen mas fuerza las razones de Resende. (1)

Ora na mesma obra Parte 1.<sup>a</sup> pag. 264 escrevendo de D. Alonso de Silva, 2.<sup>o</sup> do nome, 2.<sup>o</sup> Conde de Cifuentes, alferes mor do rei de Castella D. Henrique IV, encontra-se este §.

Mandole el Rey (no anno 1462 em outubro) passar com mil cavallos a Aragon en socorro de Ruy Diaz de Mendoza, Señor de Men-

(1) Salazar y Castro—Histor. Gen. de la Casa de Silva 2.<sup>a</sup> Parte pag. 254.

divel, Prestamero Mayor de Vizcaya, que com Don Alvaro de Mendoza despues Conde de Castro, *Juan Fernandez Galindo*, Comendador de Reyna, Don Juan de Beaumont, Prior de Navarra, y Juan de Torres, Señor de Retortillo, hazian la guerra a Aragon y Valencia por el obispado de Cuenca.

(Continúa).

SOUSA VITERBO.



## As divisas das capellas imperfeitas da Batalha

Muitas duvidas e discussões tem havido entre eruditos ácerca de duas divisas que apparecem no extraordinario portal das capellas imperfeitas, do mosteiro da Batalha; desde Fr. Luiz de Sousa até á obra do sr. Fuschini, sobre Architectura Religiosa em Portugal essas divisas têm embaraçado espiritos cultos e indagadores.

O documento seguinte esclarece a questão; foi publicado pelo sr. Brito Rebello na *Revista*, do Porto, ha já tempo; mas por ser importante o documento, e porque a *Revista* portuense não se divulgou muito, julgamos de utilidade a sua inserção no nosso *Boletim*.

### DOCUMENTO

Dom afomsso etc. A quamtos esta carta virem fazemos saber que Joham vaasquez de bombarrall criado del Rey meu dsenhor e padre cura alma deos aia deu comto e recado desta prata e coussas que de nos regebeo comtheudas em esta nossa carta com que servio o officio da copa des dezasete dias do mes dagosto de quatrocentos e vinte e nove ataa primeiro dia dabril de quatro çentod e trinta que elle foy

copeiro do dito ssenhor Rey, primeiramente prata coussas que o dito recebeo de pero de barçellos que damte ell foy copeiro —S— tres piches de teer vinh t bramcos com *motos* nos comalles que pessavam dezasete marcos e huma <sup>(9)</sup> homça e hun pichell de teer augua grande com gee pella barriga que pessou quimze marcos e seis homças edous agomijs dauvua as mãaos com motos de *tam qua seray* que pessaram seis marcos e quatro homças e quatro outavas, e hum cortilho de prata que pessou tres homças e seis octanas, e hum copo de salna pequeno dourado que pessou seis homças e duas oytanas e hum copa, chaa com sua sobre copa dourada que pessou çimquo marcos e duas homças e çimquo copos bramcos que pessaram quatro marcos e seis homças e seis oytanas e mea, e tres taças de bastiaaes hussadas com huna Raynha em cada huna no esmalte e duas feguras de molheres que pessaram quatro marcos e çimco homças e duas oytanas e huna sarja vermelha velha e quatro panos de copa dous grossos e dous delgados e huna arca emcoyrada. Item recebeo, mais de fernam gill nosso theroureiro esta prata que se adiamte segou —S— oyto taças de bastiãaes douradas que pessaram doze marcos e huna copa com sua sobre copa chãa dourado quo pessou quatro marcos e tres oytanas e huna copa de salna feiçam nossaque pesou hum marco e duas omças e seis oytanas, e doze copos bramcos com folhas dera na metade que pessaram treze marcos e huma homça e seis oytanas; e seis agomijs daugua aas mãas dourados em partes com esmaltes que pessaram dezasete marcos e seis homças e çimquo oytanas Item. Recebeo mais o dito copeiro de de fernam sodrce, recebedor que foy da nossa alfandega da çidade de lisboa esta prata que se adiamte segue —S— dez piches nonos de ter vinho pollas messas douradas em partes com *motos* de *tam seray* pellas barrigas que pessaram sessenta e tres marcos e çimquo homças e huma oytana; e dez piches <sup>(10)</sup> para estarem só estes piches nas ditas messas com folhas de era nos fumdos que pesavam dezanove marcos e seis homças e tres oytonas. Item. Recebeo mais de duarte borgees guarda roupa esta prata que se adiante segue —S— huna copa com sua sobre copa dourada de feiçam de nossa de que nom dizia o pesso; e quimze taças de bastiãaes douradas com *folhas dera* nos esmaltes e

(9) Não havendo nas diversas tipographias u u-com til, advertimos que todas as palavras hun, huma, nhu etc, se escrevem com elle no original.

(10) Erro do copista; deve ler-se —*pratees*— como mais abaixo se vê.

com *motos* de *tam que seray* de que nom dizia o pesso; e quatro agomijs dourados, esmaltados com *folhas dera e motos de tam que seray* pellas barrigas de que tambem nom dizia ho pesso; da qual prata e coussas em esta nossa carta comtheudas que o dito copeiro em todo o dito (*tempo*) recebeo fez estas despesas que se adiante seguem.

Item ao iffante dom amrrique daragã dous piches de teer vinho redomdos dourados, em partes com *motos de tam que saray* nas cuberturas que pessaram homze marcos; e çinquo taças de bastiãaes dourados com *folhas dera e motos de tam que seray* e quatro agomijs daugua as mãaos dourados esmaltados, com *folhas dera e motos de tam que seray* pollas barrigas *ye* que nom dezia o pesso, e huna arca emcoyrada guarnjda.

Item deu dous copos brancos a Ruy borges almoxarife que foy da alfamdega com *senhas e folhas dera* nos esmaltes que pessaram dous marcos e tres homças e quatro oytavas.—

Item deu e entregou a dioguo gomçalvez lobo que depos elle entrou por copeiro a prata e coussas que se adiante seguem. — S — dez piches de prata de teer vinho nas messas redomdas douradas em partes com *motos de tam seray* pellas barrigas que pessaram sassenta e tres marcos e çinquo homças e huma oytana e dez partees (*alios* partes) de prata pera estarem nas messas desses (*alios* de sso os) ditos piches brancos com *folhas dera* nos fundos que pessaram desanove marcos e seis homças e tres oytanas; e quatro agomijs daugua aas mãaos redomdos dourados em partes com seus esmaltes nas cuberturas com *senhas folhas dera* com o dito *moto* que pessaram homze marcos e sete homças e quatro oytanas; e dez copos brances com seus bulhees <sup>(11)</sup> no funo e *senhas folhas dera* que oessaram dez marcos e seis homças seis oytanas e sete taças de bastiãaes douradas com seus esmaltes e *folhas dera* com ho dito *moto* que pessaram dez marcos e cinco homças e tres oytavas; e tres taças de bastiãaes douradas com seus esmaltes som *moto* nem *folhas dera* que tem feguras damjos e molhes (SIC) nos ditos esmaltes que pessavam quatro marcos e çinquo homças e seis oytavas e meia; e cinco copos brancos sem nhuu sinall que pessaram quatro marcos e cinco homças e sete oytavas e mea; e hua copa com sua sobre copa chãa dourada e em cima della huu botão que

(11) Não sei se isto é equívoco em lugar de bostiães, ou se quererá dizer — *bulhões* — que eram uns punhaes da epoca.

peçou çimquo marcos e huua homça e quatro oytauas; e huua copa de salua toda dourada que peçou seys homças e huua oytaua e mea; e huu copo de salua feiçam de rrosa dourado de demtro com seu esmalte e *folhas dera* com o dito *moto* que peçou huu marco e duas homças e seis oytauas; e huua copa com sua sobre copa chãa dourada com huu pinham em çimo com o dito *moto* que peçou quatro marcos e tres oytauas; e dous agomijs dangua aas mãaos douradas pelos soagees <sup>(12)</sup> com o dito *moto* nas coberturas que pessaram seis marcos e quatro homças e seis oytauas; e huu gollete branco pera medir o vinho que peçou tres homças e çimquo oytauas; e huu pychell de teer augua redomdo dourado com gees pella barriga que peçou quinze marcos e çimquo homças; e huu pichell de teer vinho redomdo dourado em partes com o dito *moto* na cobertura que peçou seis marcos e huua homça e tres oytauas; e duas arcas emeyradas guarnidas de todo; e duas cayxos de coyro pera as ditas copas.

*Item* entregou mais per carta ao dito dioguo gonçalluez a prata que se adiante segue .3. dois agomijs dourados em partes com senhas *folhas dera* nas coberturas e esmaltes e com os ditos *motos* que pessacimquo marcos e seis homças e seis oytauas; e huã taça de bastiãaes dourada com seu esmalte e *folha dera* que peçou huu marco e tres homças e duas oytauas e mea;—*Item* deu seis taças de bastiãaes douradas com *motôs* de *tam que seray* nos esmaltes a Joham de baçim escudeiro do duque de bergonha de que nom dizia pesso.—*Item* entregou na camara do dito senhor quatro taças de bastiãaes que lhe ficaram em seu poder do tempo que foy copeiro que nom dizia o pesso.—*Item* deu hua copa com sua sobre copa toda dourada de feiçam de Rossa a Ruy borges çaualleiro do grado <sup>(13)</sup> das justas quamdo justaram em lisboa que se a duquessa de hij partio pera bergonha de que nom dizia o pesso. E assy se mostra que o dito copeiro nos deu bõ comto e recado de toda a prata que por nos recebeo das pessoas ante

---

<sup>(12)</sup> Soagem é uma planta de familia diferente da hera; julgo porem que seria outra a palavra que estaria no original.

<sup>(13)</sup> *Grado* premio, galardão, provavelmente do francês — *guerdon* ... «e assy propostos *grados* e empresas muy ricas pera quem mais galante viesse ao tea e assy melhor justasse» ... «e o infante D. Gernando por melhor justador venceu então o *grado*, que foy huma rica copa de que fez logo merce a Diogo de Mello» R. de Pina chr. de D. Aff. v. cop. — 131.

scriptas que lhe nom ficou huua peça dellas por entregar e quanto he do pesso da prata que entregou lhe myngua alguua cousa do pesso per que a recebeo foy lhe releuado nos nossos comtos polla lavar e alimpar da dita prata por se gastar no tempo que assy foy copeiro.

Equanto he o pano de linha e arcas e panos pera a copa e odres e piches de coiro e forradas e todallas outras coussas afora a dita prata que ell recebeo pera com elles servir o dito officio de todo nos deu bõ comto e recado que lhe nom ficou nhuaa dellas por entregar segumdo mais compridamente todo he comtheudo em huna recadaçam que lhe dello foy feita per amrrique ferngdez nosso comtador aquall he nos comtos da nossa casa; e em razam do vinho que o dito copeiro recebeo e despeneo no dito tempo se mostra per outra reçadaçam que lhe sobre ello foy feita nos ditos comtos que elle deu dello bõ comto que lhe nom ficou nhuna cousa por pagar, ante se mostra per ella dispende mais çimquenta e oyto almudes. E porem o damos por quite e livre deste dia pera todo sempre de todo o que dito he. E em testemunho dello lhe mandamos dar esta nossa carta de quitaçam pera pera sua guarda delle de seus bães e herdeiros que del deçemderam e mandamos aos nossos veedores da fazemda comtadores e a outras quaaes quer pessoas aque o conhecimento desto pertençer que lha cumprã e guardem na maneira que em ello he comtheudo sem lhe a ello poerem nhuu embargo e al nom façades dada em santãrem pustumeiro dia do mes de setembro per autoridade do ssenhor Iffamte dom pedro e etc. esteuam vaaz a ffez anno de mill e quatrocentos e quoremta.

(Archivo da Torre do Tombo Liv. I de Extras fl. 246).



REAL ASSOCIAÇÃO  
DOS  
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 27

Sessão de Assembléa geral em 4 de Novembro de 1907.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Rosendo Garcia d'Araujo Carvalheira,  
Vice-Presidente Architecto.

Secretarios, Rocha Dias e o sr. Mena Junior.

Abriu-se a sessão ás 8 1/2 horas da noite, achando-se presentes, alem da mesa, os srs. J. V. Mendes Guerreiro, Monsenhor dr. Elviro dos Santos, Sebastião da Silva Leal, Jesuino Ganhado, A. R. Adães Bermudes, dr. Arthur Lamas, e o socio correspondente em Leiria, sr. Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher.

O sr. Presidente congratulou-se por ver presente o sr. Tito Larcher, a quem se devem prestantes serviços como escriptor archeologo; e propoz que pelo fallecimento do conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage, notabilissimo homem de sciencia e verdadeiro modelo de virtudes, se exarasse na acta um voto de profundo pezar, dando-se conhecimento desta resolução á sua Ex.<sup>ma</sup> Viuva e a seu Ex.<sup>mo</sup> Filho o sr. Carlos Roma du Bocage.

Foi unanimemente approvado. Igual approvação teve uma proposta do mesmo sr. Presidente com relação ao socio correspondente João Herculano Rodrigues de Moura, 1.º tenente de marinha ha pouco fallecido em Macau e que foi governador de Diu, onde se distinguiu pelos seus trabalhos sobre conservação de monumentos archeologicos deixando um importante livro ácerca de inscripções indianas, em que está comprehendida a da quinta da Penha Verde.

Foi approvada sem reclamação a acta da sessão antecedente.

Correspondencia:

Uma carta do sr. Ernesto da Silva, pedindo desculpa de não comparecer e agradecendo o ter sido reeleito para o cargo de thesoureiro.

O secretario Rocha Dias justificou a ausencia do sr. Visconde da Torre da Murta.

O sr. Presidente disse que fôra designada para ordem da noite a discussão da proposta <sup>(1)</sup> apresentada pelo sr. Victor Ribeiro em 23 do mez passado ácerca dos *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*. Como nessa sessão se combinára que os socios procurassem elucidar-se sobre o assumpto, tratou, conforme promettêra, de obter informações com referencia ao estado da questão. Foi recebido pelo illustre Presidente da Commissão Administrativa do Municipio, o sr. tenente coronel Carlos Adolpho Marques Leitão, que o auctorisou a declarar que uma simples medida administrativa de momento determinára a supressão, até ao fim do corrente anno, da verba destinada á publicação dos *Elementos*, e que no proximo orçamento para 1908 incluir-se-ha não só esta importancia, mas a que annualmente se tem auctorisado para a continuação da mesma obra, mantendo-se na sequencia dos seus trabalhos o sr. Eduardo Freire de Oliveira, a quem a Commissão Administrativa de nenhum modo quiz desconsiderar.

Em vista de affirmações tão terminantes, feitas pelo sr. Marques Leitão, cuja illustração e integro character inspiram segura confiança de que não serão desmentidas, considera que se tornou insubsistente a proposta do sr. Victor Ribeiro.

O sr. Silva Leal declarou, em nome do sr. Gabriel Pereira, que acompanhava a Associação em todas as diligencias que fizesse para que a publicação dos *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa* não fosse interrompida, lembrando que se pedisse a impressão do respectivo indice, para o qual o sr. Freire de Oliveira tem já trabalhos adiantados, assim como os srs. Brito Aranha e Gomes de Brito.

O sr. Jesuino Ganhado disse que o sr. Gomes da Silva, chefe da 2.<sup>a</sup> repartição da Camara Municipal, lhe déra informações identicas ás que o sr. Presidente acabára de expor.

O sr. Bermudes entende que não ha razão alguma para desconfiar da lealdade das explicações sobre o assumpto e que a Associação deve considerar-se satisfeita e agradecer essas explicações, congratulando-se

---

(1) V. pag. 280 d'este *Boletim*, onde vem integralmente transcripta.

pelo facto de não se interromper a referida publicação justamente no momento em que passa a occupar-se do periodo da gloriosa administração do Marquez de Pombal. E se com effeito o Municipio precisa realisar economias, outras verbas tem a que recorrer, sem prejuizo de uma obra cuja utilidade é manifesta, honrando o paiz e quem a auctorisou.

O sr. Presidente fez algumas reflexões para mostrar que se tornava inopportuno pedir neste momento a publicação do indice da obra do sr. Freire de Oliveira, que será o primeiro a tomar interesse em que elle não deixe de imprimir-se.

Monsenhor Elviro dos Santos louva e approva as propostas dos seus m.<sup>mos</sup> consocios Victor Ribeiro e Adães Bermudes e os trabalhos do m.<sup>mo</sup> consocio Rosendo Carvalheira, que preside á sessão. Pede, porém, licença para manifestar as suas impressões; conhece que é pessimista, mas, infelizmente, quasi sempre as suas apprehensões se convertem em realidades.

Sabe de fonte limpa que a Commissão Administrativa da Camara Municipal se tem encontrado em apuros por diversas vezes para pagar ao seu pessoal; mas tambem sabe, que não era a pequena verba gasta em dois ou tres mezes com a impressão dos *Elementos para a historia do Municipio* que ia salvar-a dos seus apuros, tanto mais que a typographia Universal não teria duvida em esperar pela paga, do mesmo modo que o erudito e incansavel colleccionador dos referidos *Elementos* não teria duvida em esperar pela sua gratificação.

Ha annos foi tirado da sala das sessões da Camara um quadro que representava ou commemorava o facto da expulsão dos jesuitas pelo celebre Marquez de Pombal; ignora o motivo, mas consta-lhe que tal quadro está guardado numa das arrecadações da Camara!

Os *Elementos para a historia do Municipio* iam agora começar com a publicação dos documentos relativos á administração pombalina; a subscrição para o monumento ao Marquez de Pombal tem tido uma enorme morosidade; não se cunhou ainda a medalha commemorativa, etc. É, portanto, de opinião que a Associação acceite como verdadeiras as affirmações feitas pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Commissão Administrativa ao Ex.<sup>mo</sup> consocio Rosendo Carvalheira, mas que deve estar vigilante para proceder como melhor deliberar, caso ellas se não cumpam.

O sr. Jesuino Ganhado disse que era empregado na Camara Mu-

nicipal desde 1880 e nessa epoca ainda não estava concluida a sala das sessões; não conhece o quadro a que se referiu Monsenhor Elviro dos Santos, sabe apenas da existencia do que foi primorosamente executado pelo fallecido pintor Miguel Lupi, quadro em que está a figura do Marquez de Pombal tratando da reconstrucção da cidade e que por muito tempo se conservou na parede da mesa da presidencia, sendo mais tarde collocado na parede do lado opposto para dar logar ao de Sua Majestade El-Rei.

Foi unanimemente approvedo que se officiasse á Commissão Administrativa do Municipio de Lisboa, no sentido indicado pelo sr. Adães Bermudes.

Approvou-se um voto de congratulação pelas melhoras do nosso estimado Vice-Presidente Archeologo, o sr. Conde de Sabugosa.

Pelo sr. Presidente foi communicado que principiaram a armar-se os andaimes para as obras requeridas por esta Associação ao Ministerio das Obras Publicas na sessão de 23 de Outubro ultimo e que a commissão encarregada de dar os pezames á Ex.<sup>ma</sup> Viuva de Alfredo Keil, e de que fizeram parte os srs. Visconde da Torre Murta, Julio Augusto Ferreira e o secretario Rocha Dias, fôra recebida pelo sr. Luiz Keil. Nessa occasião assegurou este cavalheiro que o Museu tão devotadamente organizado por seu querido Pae será franco ao publico em uma installação mais espaçosa e que não ha a minima intenção de o alienar, antes sim, a de o conservar e melhorar quanto possivel.

O sr. Tito Benevenuto Larcher, aproveitando a occasião de estar pela primeira vez nesta assembléa, agradeceu a honra de haver sido eleito socio correspondente, mostrou-se muito reconhecido pelas palavras de acolhimento que lhe dirigira o sr. Presidente e apresentou alguns alvitres (1) relativos á vulgarisação de conhecimentos historicos e desenvolvimento de industrias locaes. Referiu-se por fim ao estado de ruina da capella de Nossa Senhora da Pena em Leiria.

O sr. Presidente concordou em que era necessario exercer maior propaganda archeologica e constituir-se um Museu de ceramica nacional em Lisboa, sem prejuizo da iniciativa dos Museus locaes ou municipaes que desejaria vêr instituidos em todas as terras mais importantes do nosso paiz.

Desses Museus podiam vir para o da capital todos os objectos

---

(1) V. Appenso a esta acta.

que tivessem disponiveis e, quando não possuissem mais do que um exemplar de cada especie, ficassem aqui em deposito temporario, o que redundaria em proveito das localidades, pois que em Lisboa tornavam-se as suas industrias mais conhecidas não só de nacionaes como de estrangeiros que em numero sempre crescente affluem a esta cidade.

O sr. Bermudes pediu ao sr. Tito Larcher que no momento em que entendesse opportuno apresentasse por escripto e com o devido desenvolvimento a sua valiosa communicação, para se apreciarem mais minuciosamente os differentes assumptos de que se occupou.

O sr. Tito Larcher assentiu a este convite e manifestou o seu intuito de procurar por meio de novas iniciativas maiores progressos industriaes e artisticos para o districto de Leiria, onde conta com a illustrada actividade de alguns amigos seus.

O sr. Silva Leal reiterou as suas instancias para que o retrato de Valentim Corrêa brilhantemente concluido ha mais de dois annos pelo nosso consocio sr. Felix da Costa seja inaugurado sem demora, lendo-se o respectivo elogio, conforme está resolvido.

O sr. Presidente disse que era tambem seu desejo que não se differisse por muito mais tempo a realisação dessa merecida homenagem.

O sr. dr. Arthur Lamas lembrou que poderia crear-se uma delegação desta Associação em Leiria.

A mesa informou que, havendo apenas dois socios correspondentes naquella cidade, não permittia o regulamento que se creasse ali uma delegação; era preciso que houvesse mais de tres para a constituirem.

Monsenhor Elviro dos Santos mandou para a mesa umas noticias que encontrou no jornal *Commercio do Minho* de 6, 13 e 29 de Agosto ultimo. Refere-se a primeira á descoberta das lagens de um dolmen no monte dos Mouros em Paços de Ferreira; a segunda, á medalha commemorativa da visita de Sua Magestade El-Rei ao Brazil, a qual terá no lado superior a effigie do monarcha portuguez e no verso a data da sua chegada ao Brazil e os escudos deste paiz e do reino luso; e a terceira, a ter sido encontrado proximo de Mentide, concelho de Cantanhede, um tumulo do tempo de Cesar, contendo varias moedas de prata e cobre, fragmentos de louça e ossadas.

O sr. Presidente, lastimando que não tivessem sido mandadas para o nosso Museu as estatuas gallaicas que estavam no Jardim Botânico da Ajuda, julga indispensavel que opportunamente se trate de definir

quaes são os objectos que no Museu Ethnologico de Belem, mantido pelo Estado, e no Museu Archeologico do Carmo, fundado e mantido pela nossa Associação, devem ter cabimento. Conviria delimitar os campos de acção dos dois Museus, visto que são diferentes, e procurar tambem conseguir um entendimento no sentido de effectuarem permutas entre si, de modo que em cada um delles figurasse unica e exclusivamente o que lhe compete e de que não deve ser privado.

O sr. Bermudes mostra-se inteiramente favoravel a esta opinião.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão.

Eram 11 horas da noite.

O secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.

---

#### APPENSO Á ACTA N.º 27

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup> os inclusos alvitres, de cuja honrosa incumbencia fui encarregado na sessão de 4 de corrente.

Não os acompanho de considerandos, por entender que são desnecessarios para uma assembléa illustrada como a da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que ainda exponha aqui um outro alvitre. Uma das cousas que mais acrisolam o amor da Patria é o conhecimento da historia do nosso paiz e da nossa terra, principalmente quando ministrado nas primeiras idades. E o estudo da historia leva-nos á conservação dos monumentos, ao amor pelo estudo da archeologia.

Como a nossa Associação é tambem de Architectura, parecia-me que a fórma mais pratica de ensinar a historia, de estimular ao trabalho, e ao mesmo tempo embellezar as povoações, tornando-as mais agradaveis, e enchendo-as de pequenos monumentos, seria a de substituir a simples nomenclatura das ruas em chapas sem gosto, por pequenas lapides artisticas adequadas.

Assim, em logar de se passar indifferente pelas esquinas, sem saber o que representam as suas nomenclaturas, se collocariam baixos relevos, bustos e varios motivos de ornamentação, acompanhando uma rapida inscripção, indicando os dados biographicos e trabalhos daquelle que se queria commemorar, a noticia das batalhas e factos historicos que representavam, tradições, etc., de modo que assim se evitariam disparates como foi o da substituição de nome do Chiado por Rua Garrett, e outros, que tinham os seus nomes ligados á nossa historia ou á das localidades.

O resultado seria que as creanças, passando pelas ruas de suas terras, depressa aprenderiam a historia local e conheceriam os nomes dos vultos de suas terras, e dahi a discussão entre os filhos dumas e outras localidades, sobre a superioridade dumas sobre outras e dahi o procurarem os das que tenham menos elementos, investigar novos dados, o estimularem-se e procurarem fazer desenvolver suas povoações.

Quem visitasse estas localidades, rapidamente e por uma fôrma amena enriqueceria seus conhecimentos, e por uma fôrma pratica, singela e artistica se encheria o paiz de pequenos monumentos e se perpetuariam os nossos sabios, os nossos heroes, tradições, etc.

Aproveito a occasião para dizer que o pelourinho de Ancião, de que tem uma photographia o nosso distincto consocio Sebastião da Silva Leal, assenta sobre 7 bolas, que o povo diz serem as 7 freguezias do concelho que sustentavam Ancião que as esmaga.

Ha perto do pelourinho, uma inscripção antiga que é como o complemento delle e de que procuro obter copia, assim como da ampliação da parte superior do pelourinho.

As indicações sobre cousas de Ancião são-me dadas pelo Padre José Ferreira de Lacerda, parcho da freguezia da Vieira desta comarca, amigo das tradições e da archeologia, que me parece seria um bom socio correspondente, bem como o capitão de engenharia José Carlos Diogo Lopes da Costa Theriaga, morador em Leiria, que collaborou com Ernesto Korrodi no projecto de reconstrucção do Castello de Leiria.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Leiria, 7 de Novembro de 1907.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

(a) *Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher.*

*Alvitre apresentado pelo socio correspondente Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher, residente em Leiria, á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.*

1.º Criar-se uma cadeira de archeologia christã, em todos os seminarios, seguindo o exemplo do de Coimbra, e ainda uma de noções de arte e architectura, a fim de que o clero não só conheça o valor e merecimento dos templos, quadros, objectos de culto, etc., mas tambem evitar os vandalismos que diariamente se estão praticando e o seu extravio.

Criar-se tambem a cadeira de noções de archeologia, arte e architectura nas escolas de magisterio primario, para que os professores espalhados por todo o paiz conservem os restos valiosos do patrimonio archeologico e artistico.

Tornar obrigatorio, que nos compendios escolares de leitura quer de instrucção elemental, quer dos lyceus, sejam inseridos trechos de leitura sobre os mesmos assumptos.

Adicionar tambem á cadeira de historia dos lyceus a cadeira de noções de archeologia, arte e architectura.

Estabelecer premios aos professores primarios que annualmente melhores relatorios apresentem e ainda aos que tenham mostrado ter evitado a perda ou extravio de qualquer dos objectos das secções indicadas.

2.º Que em cada districto haja junto de cada direcção das obras publicas um architecto, não só para se levantar e bem orientar o bom gosto das construcções, como tambem para as orientar de fórma a conservar nas novas construcções o typo regional, e ainda para que comessem por fazer um inventario de todos os monumentos, edificios, pelourinhos, fontes, cruzeiros, etc., da sua área, obtendo exemplares aliás desenhos e photographias de que mandariam copias ao Museu da nossa Associação com as competentes indicações.

Que segundo as indicações ministradas por estes, fossem nomeados pintores esculptores para avaliar, relacionar e descrever todas as obras de arte, organisando-se assim um inventario geral de archeologia e arte no nosso paiz.

3.º Promover que todos os socios correspondentes indiquem os

museus existentes no paiz, e colleccionadores de objectos, procurando obter os esclarecimentos necessarios a fim de que não se extraviem esses nucleos.

4.º Procurar obter por intermedio dos socios correspondentes e outras entidades ou directamente, que as fabricas de ceramica, olarias, etc., enviem mostruarios de seus productos para os museus archeologicos e ethnographicos, a fim de se conservar e seguir a modificação das fórmãs; podendo, quando obtidos exemplares em maior numero, servir para permutas com outros museus, e constituir-se-hia assim em Lisboa uma exposição permanente de objectos de todo o paiz, o que seria um reclame vantajoso para ós industriaes.

Leiria, 7 de Novembro de 1907.

(a) *Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher.*

---

ACTA N.º 28

Aos 30 dias do mez de Dezembro de 1907 reuniu a assembléa geral desta associação, assumindo a presidencia o sr. Rosendo Carvalheira, abrindo a sessão pelas 9 horas da noite.

O sr. Presidente diz sentir não estar presente o sr. Rocha Dias por motivo de doença como lh'o communicára em carta, convidando por isso para o logar de secretario o sr. J. Rodrigues Fernandes que já por tantas vezes tem occupado este logar; visto não se achar presente nenhum dos secretarios effectivos ou substitutos.

Depois manda ler a acta da sessão anterior que foi approvada, fazendo sobre o conteúdo d'ella algumas considerações monsenhor Elviro dos Santos, dizendo que a verba destinada no orçamento da Camara Municipal para os elementos da historia do municipio, era de 400\$000 réis, portanto uma verba insignificante e que de nada servia; quanto ao quadro do Marquez de Pombal allude a uma informação dada pelo consocio sr. Ganhado, com a qual se não conforma, citando

que o diz a historia de Portugal de Pinheiro Chagas no 6.º volume na pagina 449—Titulo da gravura «O Marquez de Pombal» (copia de um celebre quadro de Vaulso e Vernet existente no palacio d'Oeiras).

A nota do indice que acompanha esta gravura dispensa-nos de mais pormenores ácerca do quadro, que tão celebre se tornou, e de que tantas copias se espalharam durante o tempo em que o grande Marquez tão sabiamente dirigiu os destinos do reino.

Informa o sr. Freire d'Oliveira que lhe parece ter existido uma copia nos Paços do Concelho, mas actualmente ignora onde ella esteja.

Dizem tambem existir uma outra copia d'esse quadro no museu das Janellas Verdes e diz recordar-se de lá o ter visto.

Sobre o assumpto era o quanto se lhe offerecia dizer.

O sr. Presidente acha pouco a verba incluída no orçamento municipal para os elementos da historia do municipio, parecendo-lhe que a verba era de 6.000\$000 e ao sr. Mena parece-lhe que a que se acha inscripta é 1.400\$000 réis. Feitas estas considerações foi approvada a acta.

Leu-se a correspondencia que constava de: uma carta do sr. Rocha Dias justificando a sua falta por se encontrar incommodado; officio do sr. Presidente da secção d'Archeologia communicando que verbalmente diria o que se resolvera sobre os alvitres apresentados pelo socio correspondente sr. Tito Benevenuto Larcher; dito da viuva de Alfredo Keil agradecendo a homenagem prestada á memoria do marido; dito do sr. Carlos Roma du Bucage agradecendo igualmente a manifestação de sentimento e de apreço pela morte de seu pae; tomando-se conhecimento d'essa correspondencia.

Antes de se entrar na ordem da noite é dada a palavra a Monsenhor Elviro dos Santos, que começa por dizer que vae communicar o que se passou nas secções de Archeologia e Architectura com respeito aos alvitres enviados pelo consocio correspondente sr. Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher e do alvitre apresentado pelo socio effectivo sr. D. José da Silva Pessanha, cujas deliberações tomadas em sessão collectiva de 2 de dezembro foram as seguintes:

1.º—Deliberaram que se repetisse o pedido feito em tempos ao governo e aos Prelados, só emquanto á cadeira de archeologia christã e elementos da historia da arte, pois que o actual Pontifice Pio X, segundo se lê no *Amigo da Religião* de Braga, de 1 de novembro ultimo,

acaba de ordenar a criação de cadeiras de archeologia em todos os seminarios a fim dos sacerdotes ficarem conhecendo esse ramo de sciencia tão abandonado actualmente.

Prohibe tambem alienar as riquezas artisticas das egrejas, por as considerar como fazendo parte da historia da Egreja ou da nação, onde se encontrem.

Deliberaram mais, que fosse tambem creada uma cadeira de noções de archeologia, arte e architectura nas escolas normaes e approvaram a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> parte do alvitre—; a 3.<sup>a</sup> já existe.

O 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> alvitre foi approvedo. O 4.<sup>o</sup>— Approvaram que se procurem só os objectos de character nacionalista.

O 5.<sup>o</sup> foi approvedo só na especialidade, isto é, n'um ou n'outro caso; que embora o principio seja bom, é com tudo inexequivel em todos os casos a que se refere.

Segundo o alvitre do sr. D. José Pessanha resolveu-se officiar á Commissão dos Monumentos Nacionaes, 1.<sup>o</sup>—ácerca da Egreja de Santa Maria do Castello em Abrantes, construida em 1215 e reconstruida por 1433 (*Bol.* 2.<sup>a</sup> serie; 1874—1876, pag. 140—141).

2.<sup>o</sup>—Tumulos (2) notaveis na capella-mór, que é revestida de tres *azulejos* interessantes. A egreja (segundo informa o sr. padre José Fernandes Raposo, vigario de S. Vicente d'aquella villa) «está muito abandonada e deteriorada e tem servido para arrecadar madeiras velhas».

Na mesma reunião o sr. dr. Arthur Lamas fallou ácerca de moedas do Brasil fazendo sobre o assumpto algumas considerações e dando esclarecimentos.

Eis o que tinha a dizer do que na sessão se passara.

O sr. Presidente agradece a monsenhor Elviro dos Santos as informações que acaba de dar á assembléa sobre o que se havia deliberado na sessão das commissões de archeologia e architectura; que muitas cousas havia aproveitaveis nos alvitres do sr. Benevenuto Larcher e que lhe era summamente agradavel saber que de Sua Santidade partira a iniciativa do respeito pela Archeologia Christã, recommendando aos seus delegados que creassem cadeiras para a leccionarem; o que era de grande vantagem para essa sciencia e de um alto valor e interesse para nós, pois era mais um obstaculo a oppôr a que muita coisa preciosa se destruísse e desaparecesse. Congratulava-se muito com isso, mas que não impedia de que cada paiz tomasse a inicia-

tiva tambem d'esse melhoramento. Que era de grande utilidade em seu entender os socios trabalharem e apresentarem alvitres, extractando-se e aproveitando-se d'esses alvitres o que fosse bom e de interesse para a archeologia.

Em seguida entra-se na ordem da noite—Relatorio dos Actos do Conselho Facultativo e admissão de socios—É dada a palavra ao sr. visconde da Torre da Murta que começa por agradecer a sua eleição para Bibliothecario, communicando tambem que o sr. Adolpho Loureiro nosso illustre consocio offerecera á Associação a sua obra intitulada «Portos Maritimos de Portugal e ilhas Adjacentes» trabalho de grande valor e juntamente o elogio historico do engenheiro Almeida d'Eça; pelo sr. Sousa Viterbo *Medicos - Poetas*, de que é auctor; e o governo geral d'Africa Occidental Franceza a obra *Plateau Central Nigérien*.

Feita esta communicação o sr. visconde lê o Relatorio, que, como sempre, alem de ser um trabalho minucioso, é uma peça litteraria que se ouve com summo agrado.

Finda a leitura que é coberta de applausos, o sr. Presidente diz que acabavamos de assistir á descripção completa de tudo quanto se havia passado durante o anno, que o relatorio era uma obra, onde havia bocados altamente litterarios de muito apreço, e que sendo sempre este genero de trabalho arido, o sr. visconde o tornava agradável e atrahente, ouvindo-se com interesse. Que se congratulava por esse facto, felicitando-o, e que ficasse consignado na acta um voto de louvor ao seu auctor, o que era muito justo; sendo approvedo por aclamação.

Depois entrando-se na 2.<sup>a</sup> parte da ordem da noite foram eleitos socios correspondentes os srs. Reverendo José Ferreira de Lacerda, parcho da freguezia de Vieira e José Carlos Diogo Lopes da Costa Theriaga, capitão de engenharia.

O sr. Presidente ainda diz que entre as obras que foram offerecidas havia a do illustrado consocio sr. Conselheiro Adolpho Loureiro, que é uma obra importantissima sob todos os pontos de vista, honrando não só o seu auctor como o paiz. N'ella se occupa o sr. Loureiro dos portos do Continente e ilhas honrando mais uma vez a litteratura e sciencia patria. Deseja por issõ que fique consignado na acta um voto de congratulação por essa obra monumental como dizem, pois que ainda não tinha tido occasião de ler.

Refere-se depois ao sr. Canisarro, italiano distincto, que é architecto e engenheiro, que era um erudito de alto valor, conhecendo a arte archeologica romana como poucos, desejando por esse motivo, propol-o socio correspondente, mas que o não faz já, esperando para mais tarde, accrescentando que em tempos quando estivera em Italia elle o acompanhara em Roma e que por occasião do congresso dos architectos em Hespanha, onde tivera relações com elle, assistira a uma conferencia sobre arte archeologica italiana onde havia mostrado conhecimentos de uma competencia pouco vulgar e alto saber, sendo por taes factos escolhido para fazer uma exploração importantissima d'uma *ara*, devido aos seus merecimentos e maior competencia sobre o assumpto.

O governo preferira-o encarregando-o d'essa honrosa missão por saber o seu valor. Era d'um sabio deste quilate a que acabava de referir-se, que muito honraria a nossa Associação. Que o trabalho de que o haviam encarregado era muito curioso e que as pesquisas feitas haviam dado optimos resultados.

Alem do que fica exposto dirige ainda varias publicações archeologicas onde demonstra vastissimos conhecimentos, que muito conviria trocar com o nosso Boletim o que elle por certo de boamente accederia. Era esta entidade que desejava propôr socio; mas como seria necessario ouvir o Conselho Facultativo, fazia a proposta para que a este fosse communicada, a fim de sobre ella emittir o seu parecer, enviando-o depois para a mesa da assembléa geral.

Continuando ainda no uso da palavra refere-se ás ultimas campanhas d'Africa que tão honrosas foram para as armas portuguezas, não podendo por esse facto nós ficarmos silenciosos. Que embora parecendo não haver paridade entre a nossa associação e as victorias agora alcançadas, que era um puro engano; porque um povo vive das suas tradições. Ora os nossos estudos não são mais que tradições do passado e d'ellas vivemos nós tambem, portanto parece-lhe haver cabimento para nos congratularmos pelas victorias alcançadas.

Feitas estas considerações «proponho para que fique consignado na acta um voto de profunda congratulação pelo acto de bravura e valentia das nossas tropas na campanha dos Cuamatás que se portaram com tanto heroismo, e que desse voto se dê conhecimento ao seu illustre commandante capitão José Augusto Alves Roçadas»; o que foi approvedo.

O sr. Mena Junior propõe egualmente um voto de congratulação

pelo brilhante concurso que acabava de fazer na Academia de Bellas Artes para a cadeira de historia da Arte, o illustrado e distincto consocio sr. D. José Pessanha, o que foi igualmente approvedo.

Em seguida falla o sr. D. José Pessanha, que começa por agradecer o voto immerecido que acabava de ser approvedo a seu respeito, e que se estivesse presente Monsenhor Elviro dos Santos havia de fazer algumas annotações aos alvitres do socio Benevenuto Larcher sobre as resoluções tomadas, a que Monsenhor se referira. Que naturalmente foram fieis pela sua memoria, mas que dois pontos havia em que não era bem assim. A nomenclatura das ruas que conservasse as antigas e a Monsenhor parece-lhe que não. O outro era a creação d'uma cadeira de archeologia nos lyceus, que não reproduziu igualmente o que se havia ponderado; e era, de que estando os lyceus muito sobrecarregados não se pedisse a creação d'uma cadeira, mas simplesmente instar-se para que na parte de historia fosse incluída a dos edificios mais notaveis, chamando para esse ponto a attenção dos professores para o ensino d'esta parte ser o mais completo possivel.

Continuando, diz que já na ultima sessão teve ensejo de se referir á egreja de Santa Maria de Abrantes, que se encontrava profanada, tendo tumulos e azulejos importantes que deviam ser respeitados.

Quanto ás referencias feitas pelo sr. presidente ao archeologo italiano sr. Canisarro eram justissimas, pois conhecia trabalhos d'esse distincto homem de sciencia de muito valor; sendo de opinião que era uma honra para a associação tel-o como socio. Diz que se associa ás manifestações prestadas aos heroes dos Cuamatas pelas victorias alcançadas, accrescentando que nos haviamos de orgulhar de ser portuezes, por feitos que tanto honram o nosso paiz.

Por ultimo refere-se ainda o sr. presidente ao inventariamento dos monumentos que diz ser feito com algum criterio e cuidado, encerrando em seguida a sessão, sendo 11 horas da noite.

J. RODRIGUES FERNANDES.

## ACTA N.º 29

Sessão de assembléa geral em 12 de Fevereiro de 1908.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Monsenhor Elviro dos Santos, presidente da secção de Archeologia.

Secretario, Rocha Dias.

As 8 e meia horas da noite abriu-se a sessão, estando presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs.: J. V. Mendes Guerreiro, J. Rodrigues Fernandes, Gustavo de Mattos Sequeira, Antonio Cesar Mêna Junior, Julio A. Ferreira, Sebastião da Silva Leal, Dr. Arthur Lamas, Visconde da Torre da Murta e D. José Pessanha.

Procedeu-se á leitura da acta da sessão antecedente.

Sobre esta acta usou da palavra o sr. Presidente, notando que o Relatorio do Conselho Facultativo, que fôra approvado naquella sessão, não se referis-se á reforma dos Estatutos da Associação e que era seu voto que todos os relatorios deviam ser examinados por uma Commissão de tres socios que a respeito delles emittissem o seu parecer, antes de virem á votação da assembléa. Nas suas palavras não queria involver censuras a ninguem, mas apenas observar que os novos Estatutos deveriam conter esta disposição para prevenir casos futuros.

E, a proposito de relatorios, lembrou que em vez do relatorio da Bibliotheca, que não julga obrigatorio, devia ser apresentado um, em que se narrassem os actos da assembléa geral.

Sobre as reflexões do sr. D. José Pessanha, na acta apontadas, podia affirmar que este illustre socio estava perfeitamente de harmonia com as suas declarações feitas na sessão anterior.

O secretario disse que, na falta de um parecer que exprimisse formalmente a opinião das secções de Archeologia e Architectura, das quaes um illustre membro parecia, segundo o que da acta constava, estar em desacordo com o que Monsenhor Elviro dos Santos declarára, não podia como secretario tomar a responsabilidade da dar andamento ás resoluções tomadas, na sessão a que não pudéra assistir, so-

bre os alvitreos propostos pelo socio correspondente sr. Tito Benevenuto de Sousa Larcher.

Quanto ao relatorio dos actos da assembléa, parecia-lhe bem dispensavel desde que nas actas das respectivas sessões elles vem minuciosamente expostos e no *Boletim* regularmente publicados.

O sr. Presidente disse que não haveria duvida em formular o parecer e insistiu em considerar de absoluta necessidade a apresentação de um relatorio annual por parte da mesa da assembléa.

O sr. Visconde da Torre da Murta, respondendo ás observações do sr. Presidente quanto ao relatorio do Bibliothecario, citou o art. 33.º dos *Estatutos* em que se determina que o bibliothecario dará noticia das obras recebidas; e quanto ao relatorio do Conselho, que não se referiu á proposta de reforma dos Estatutos, porque não foi submettida ao seu exame, mas, se soubesse que Monsenhor Elviro dos Santos desejava essa referencia, da melhor vontade a teria feito.

O sr. D. José Pessanha deu a seguinte explicação: que na sessão anterior, ao referir-se ás annotações feitas por Monsenhor Elviro dos Santos, traduzindo o pensamento das secções de Architectura e Archeologia, aos alvitreos do socio correspondente sr. Tito Larcher, não pretendêra contradictar essas annotações, mas apenas elucidal-as e amplial-as, e que não ha discordancia entre o seu sentir, o das secções e o de Monsenhor Elviro ácerca da nomenclatura das ruas, porque todos entendem que devem ser conservadas as antigas designações em attenção á sua importancia e significação historica.

Foi approvada a acta.

Deu-se conta da seguinte correspondencia:

Uma carta do sr. Vice-Presidente Architecto, Rosendo Carvalheira, sentindo não comparecer na sessão e lembrando as homenagens que, se estivesse presente, propria pela morte de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos e de Sua Alteza o Principe Real.

Um officio do sr. thesoureiro Ernesto da Silva associando-se a todas as demonstrações de sentimento que forem votadas por este motivo.

Participações de que para o annó corrente estão constituidas as secções da Associação pela seguinte fórma:

Secção de Architectura

Presidente—Alexandre Soares.  
 Secretario—Antonio do Couto.  
 Delegado—Evaristo Gomes.  
 Secretario supplente—Ferreira da Costa.  
 Delegado „ —Francisco O'Sulivand.

Secção de Archeologia

Presidente—Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.  
 Secretario—Victor Ribeiro.  
 Delegado—Dr. Arthur Lamas.  
 Secretario supplente—D. José Pessanha.  
 Delegado „ —Julio A. Ferreira.

Secção de Construcção

Presidente—Conselheiro Adolpho Ferreira Loureiro.  
 Secretario—João Rodrigues Fernandes.  
 Delegado—João Verissimo Mendes Gerreiro.  
 Secretario supplente—Francisco S. O'Sulivand.  
 Delegado „ —Jesuino A. Ganhado.

Um officio do sr. Capitão José Augusto Alves Roçadas agradecendo em seu nome e dos seus companheiros d'armas as congratulações e louvores que lhe foram votados na sessão antecedente.

O sr. Presidente, deplorando o execravel attentado de 1 do corrente, em que foram victimas El-Rei o Senhor D. Carlos, Presidente Honorario desta Associação, e Sua Alteza o Principe Real D. Luiz Filippe, propoz que se consignasse na acta um voto do mais profundo sentimento e que em seguida se encerrasse a sessão.

Disse mais o sr. Presidente que o Museu Archeologico do Carmo estivera fechado até ao dia dos funeraes e a bandeira a meia haste.

O sr. D. José Pessanha propoz, em additamento, que a mesa e os socios que desejassem aggregar-se-lhe, depois de solicitada audiencia de El-Rei o Senhor D. Manuel, se dirigissem ao Paço das Necessidades

para apresentar a Sua Magestade e a toda a Familia Real a expressão das nossas respeitadas condolencias e que a El-Rei se annunciasse o proposito de opportunamente Lhe pedirmos para substituir seu Augusto Pae na Presidencia Honoraria desta Real Associação.

A assembléa approvou por aclamação, tanto a proposta do sr. Presidente como este additamento; approvando tambem votos de pezar pela morte dos Ex.<sup>mos</sup> Pae e Irmão dos illustres socios srs. Victor Ribeiro e Ascensão Valdez. E logo foi encerrada a sessão.

O Secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.



O attentado de 1 de fevereiro encheu de luto a nação portugueza.

Para a Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes o pezar é mui profundo, porque a El-Rei Senhor D. Carlos deve attenções que não pódem esquecer.

El-Rei D. Carlos quando Principe Real foi Presidente honorario da nossa Associação, e por vezes visitou o Museu do Carmo, presidindo a sessões solemnes e interessando-se pelos assumptos archeologicos. Em 1885 e 1886 o architecto e archeologo Possidonio da Silva fez no Carmo um curso de archeologia que foi bastante frequentado; o então Principe Real informou-se da novidade, animou-a com o seu enthusiasmo e concedeu do seu bolsinho premios pecuniarios, um de 50\$000, e dois de 25\$000 aos alumnos mais distinctos.

Depois de Rei o Senhor D. Carlos continuou a prestar attenção á archeologia, adquirindo alguns objectos notaveis para a sua colleção particular, visitando as antiguidades romanas da Troia, em frente de Setubal, etc. Por isto a Real Associação conservará sempre lembrança saudosa e agradecida de S. M. El-Rei D. Carlos.

G. P.

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO



ARQUITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

**ERRATA**

Nas figuras IX e X, XXII e XXIII, deste Boletim onde se lê,—**BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 12** deve ler-se —**BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 5.**

A